



5

OSEIAS A MALAQUIAS

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

Oscar F. Reed
Armor D. Peisker
H. Ray Dunning
William M. Greathouse

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

OSÉIAS A MALAQUIAS

5



O Livro de
MIQUÉIAS

Armor D. Peisker

Introdução

O povo a quem Miquéias profetizou era profundamente religioso. Assistiam aos cultos de programação com um colorido primoroso em um Templo magnífico. Entre suas atividades constava a observância dos dias santos divinamente designados, cujo propósito era lembrá-los da extensa fidelidade de Deus e do dever permanente de servi-lo. Participavam de numerosos ritos sagrados que apontavam para Cristo.

Mas os contemporâneos de Miquéias não eram espirituais. Sentiam confiança na mera participação das cerimônias. Não lhes ocorria que fosse importante a forma como se comportavam fora do Templo.

Esta situação de ser religioso e, ao mesmo tempo, impiedoso perturbava Miquéias. Foi contra tal atitude que ele clamou. Esta ação fala pungentemente de nossos dias.

O profeta advertiu fielmente sobre o julgamento divino. Entretanto, ele é mais lembrado por sua definição indiscutível e abrangente da verdadeira religião. Em uma única declaração concisa, engloba a ênfase de Amós na justiça (Am 5.24), a preocupação de Oséias por misericórdia (Os 6.6) e a súplica de Isaías por um andar humilde com Deus (Is 2.11; 6.1-8). Nas suas palavras: “Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o SENHOR pede de ti, senão que pratiques a justiça, e ames a beneficência [misericórdia, ARA], e andes humildemente com o teu Deus?” (6.8) Assim, ensinou que a verdadeira religião leva a pessoa a uma comunhão íntima com o Senhor, e que, dessa comunhão, emana conduta íntegra para com os membros da raça humana.

Miquéias, que viveu na última metade do século VIII a.C., era um dos integrantes da brilhante galáxia de profetas daquele século, entre os quais Isaías foi o mais insigne. As mensagens dos dois homens de Deus estão em harmonia. Certos expositores sugerem que Miquéias foi discípulo de Isaías, e é interessante notar a semelhança entre Miquéias 4.1-5 e Isaías 2.1-4. Mas os dois profetas são muito diferentes. Isaías era membro da aristocracia. Miquéias era homem do povo. Isaías era refinado, conhecia a fundo os costumes da capital e freqüentava os círculos da corte. Miquéias era homem rude do interior, um profeta dos humildes.

Sua formação, provavelmente, o tornou sensível às opressões sofridas pelos pobres. Estava, sem dúvida, inteirado das políticas corruptas da capital, sobre as quais Isaías falou. Também deve ter sido do seu conhecimento algo do fausto e depravação oculto que vigoravam no Reino do Norte, contra os quais Amós e Oséias, dois dos seus contemporâneos, protestaram. Conhecia a apostasia religiosa da nação. Mas foi o sofrimento dos pobres oprimidos que lhe torcia o coração.

Era natural de Moresete, cidade situada nos contrafortes de Judá a uns 32 quilômetros a oeste de Jerusalém, na extremidade da planície marítima, entre as montanhas de Judá e a Filístia junto ao mar.¹ Ainda que a região fosse fértil e bem provida de água, lugar de plantações, pomares de olivas e pastos, os agricultores, entre os quais Miquéias fora criado, quase sempre estavam em dificuldades econômicas. Oprimidos pelas dívidas, eram forçados a hipotecar suas propriedades aos ricos de Samaria e Jerusalém, os quais lhes desapropriavam as terras. Assim, se tornavam arrendatários de fazendas, oprimidos por senhores gananciosos e insensíveis. Esta exploração dos pobres foi, aos olhos de Miquéias, um dos crimes mais hediondos de seus dias, e ele bravamente denunciou estes exploradores (2.2).

O mundo de Miquéias estava em revolução. E o profeta estava ciente da situação agourenta. Ele morava numa região de aldeiazinhas afastada das atividades políticas das capitais, mas era o seu vale amplo e aberto que tinha de suportar o ímpeto do ataque do invasor que empreendesse conquistar Judá. Foi por isso que, ele viu e sentiu os terrores da catástrofe espantosa de seu mundo.

O meio-século de segurança e prosperidade desfrutado pelo Reino do Norte terminou com a morte de Jeroboão II e o avanço dos assírios em direção oeste. Damasco, capital da Síria, caiu em 731 a.C. (2 Rs 16.9). Samaria, capital de Israel, foi vencida em 721 a.C. pelos exércitos assírios sob as ordens de Salmaneser e Sargão (2 Rs 17.5,6). A queda da capital do norte deixou Jerusalém e a amada região rural de Miquéias expostas aos inimigos que destruíam tudo o que encontravam pela frente em sua determinação rumo ao Egito. O profeta deve ter sofrido uma angústia de espírito indescritível quando viu o rei Senaqueribe invadir Judá e, em 701 a.C., armar o cerco de Jerusalém (2 Rs 18.13–9.37).

A impiedade predominante e a deterioração calamitosa contra Israel e Judá não levaram Miquéias ao desespero. Ele sabia muito bem que a última palavra não seria dada pelos usurários cruéis que mantinham a ele e seus vizinhos em escravidão, nem mesmo seria dos insensíveis reis pagãos e seus exércitos que arbitrariamente causavam devastação por todo o mundo do profeta. Ele estava certo de que Jeová ainda tinha uma palavra derradeira. Ele esperava uma nação purificada e restaurada. Miquéias viu o cumprimento do propósito do Senhor na vinda do Messias. E ele deve ter ficado extremamente alegre ao saber que o Ungido nasceria na humilde região montanhosa de Judá, na pequenina aldeia de Belém.

Esboço

I. O JULGAMENTO DE DEUS ESTÁ PERTO, 1.1—3.12

- A. Que Julgamento?, 1.1-16
- B. Por que Julgamento?, 2.1—3.12

II. O POVO DE DEUS TEM UM FUTURO, 4.1—5.15

- A. A Glória Futura da Casa do Senhor, 4.1-8
- B. As Tristezas do Tempo Presente, 4.9—5.1
- C. A Vinda de Cristo para Remir, 5.2-15

III. A CONTROVÉRSIA DE DEUS COM O SEU POVO, 6.1—7.20

- A. Deus faz um Apelo Supremo, 6.1-8
- B. Deus Condena o Mal, 6.9-16
- C. Miquéias Lamenta a Corrupção da Nação, 7.1-6
- D. A Fé de Miquéias em Deus, 7.7-13
- E. A Oração de Miquéias por seu Povo, 7.14-20

SEÇÃO I

O JULGAMENTO DE DEUS ESTÁ PERTO

Miquéias 1.1 — 3.12

A. QUE JULGAMENTO? 1.1-16

1. *Deus Apresenta-se Pessoalmente* (1.1-5)

Como todos os verdadeiros profetas em Israel, Miquéias, sob inspiração divina, expôs a mensagem de Deus aos seus contemporâneos. Sentia-se sob autoridade direta de Deus, a quem apenas deveria obedecer, pois a **palavra do SENHOR** (1) **veio a ele**. Conhecedor da vontade e dos propósitos santos do Senhor, Miquéias sentiu-se compelido a compartilhar com seu povo estes desígnios solenes. Com a confiança em Deus e a certeza de que falava as palavras da verdade, o profeta era destemido e não dava a mínima para as conseqüências pessoais ao entregar a mensagem.

Sob este aspecto, Miquéias é um modelo para os pregadores de todos os tempos. O mensageiro tem de ser homem de Deus e da Palavra de Deus. Deve ser confiante de que tem uma revelação divina. Precisa ser ousado ao falar a verdade para passar segurança e ser convincente. Só o homem que, como Miquéias, se sente compelido por Deus deve engajar-se na obra da pregação. Mas o que sente esta compulsão não ousa tardar em obedecer.

Natural de Morasete ou Moresete (ver Introdução), Miquéias profetizou durante os reinados de três reis sucessivos de Judá: **Jotão, Acáz e Ezequias** (1; ver diagrama A). Esta prova interna fixa a data de seus trabalhos entre 750 e 687 a.C. Embora morasse em Judá, sua mensagem era pertinente a **Samaria**, capital de Israel, e a **Jerusalém**, capital de Judá. Ao considerarmos que Samaria foi destruída em 712 a.C., é claro que a primeira parte da profecia deve ser datada antes desse ano.

Este capítulo, que estremece com o julgamento iminente, inicia com uma descrição gráfica e figurativa do Senhor que desce do lugar de sua habitação santa para julgar um povo rebelde. A terra inteira é convocada. Todos os homens de todos lugares recebem a

ordem de parar e ouvir o que Deus tem a dizer sobre o **templo da sua santidade** (2). O Senhor viera lidar principalmente com a **transgressão de Jacó** (5; o Reino do Norte) e de sua capital, **Samaria**, e com a maldade de **Judá**, que se concentrava em sua capital, **Jerusalém**. Mas Jeová é o Deus de toda a terra. O Senhor não está afastado de nosso mundo. Preocupa-se com os assuntos humanos. Sua palavra é mais urgente que qualquer coisa que demande nossa atenção. Todos têm de parar e prestar atenção. “Onde Deus tem uma boca para falar, temos de ter ouvidos para ouvir; todos precisamos agir assim, porque a mensagem diz respeito a todos”.¹

O **SENHOR... andar**á sobre as alturas da terra (3). A imagem descreve o Deus que usa o cume das montanhas como degraus para se aproximar do povo. Debaixo de seus passos largos e majestosos, as montanhas desaparecem e a terra se torna uma planície nivelada: “Debaixo dele as montanhas se derretem e fluem para os vales, como cera que se derrete diante do fogo e escorre como água” (4, Phillips). Veja como Moffatt traduz o versículo 5.

*E tudo isso por causa da transgressão de Jacó,
Por causa dos pecados da casa de Judá!
A transgressão de Jacó? Não está em Samaria?
O pecado de Judá? Não está em Jerusalém?*

Até hoje Deus interfere nos assuntos dos homens e das nações. Sempre que o Senhor entra em uma situação, é para mudar. Não há circunstância que esteja fora de seu interesse ou haja alguém que escape de seu julgamento.

2. Como será o Julgamento de Deus (1.6,7)

Ao falar na primeira pessoa, Deus declara que Samaria será completamente arrasada. **Farei de Samaria um montão de pedras do campo** (6). Segundo a Versão Bíblica de Berkeley, o **montão de pedras do campo** são terraplanagens em terreno pedregoso para uso comum no cultivo de uvas. A cidade outrora orgulhosa se tornará um lugar vazio para a plantação de vinhedos. **Descobrirei os seus fundamentos**, ou seja, as paredes de pedra dos edifícios e as muralhas da cidade serão lançadas para o vale abaixo, a fim de deixar as fundações descobertas e expostas para todos verem – um memorial trágico por causa da desobediência e falta de espiritualidade do povo. **Todas as suas imagens de escultura serão despedaçadas** (7). Os ídolos das deidades pagãs, cuja adoração fora praticada em Israel, serão esfaqueados e os presentes dados a esses ídolos, queimados.

Esta ruína virá sobre a cidade, porque Samaria abandonara o verdadeiro Deus e cometera prostituição espiritual. Como a esposa infiel vai atrás de outros homens, assim Israel tinha seguido outros deuses. Além disso, grande parte da prosperidade da cidade era resultado de taxas das prostitutas culturais ligadas aos recintos adjacentes aos templos pagãos. A Septuaginta traduz o versículo 7d assim: “Porque juntou dos salários da fornicção, e dos salários da fornicção acumulou riquezas”.

Este julgamento foi realizado pelos exércitos assírios sob o comando de Salmaneser e de Sargão (2 Rs 17.4-6). Quando Oséias, rei de Israel, reteve o tributo da Assíria, Salmaneser saqueou a terra, lançou Oséias na prisão e sitiou a cidade. Em 721 a.C.,

depois de três anos de assédio, Sargão (por esta época, rei da Assíria) reduziu a cidade a entulho e fez de Samaria estado vassalo regido por um governador provinciano na antiga cidade da realeza. Em sua inscrição, Sargão afirma ter deportado nesta ocasião 27.290 israelitas. A maioria destes foi mandado para a Média, onde se estabeleceu. Para completar as classes mais pobres que ficaram na terra, Sargão importou estrangeiros de várias regiões de dominação assíria.

3. O Profeta Lamenta (1.8-16)

Miquéias pranteia não só o golpe mortal que se abaterá sobre Israel, mas também o fato de que as corrupções do Reino do Norte tomaram conta de Judá, até chegar a Jerusalém. Em vista disso, deduz-se que o julgamento de Deus englobaria a pátria do profeta. De fato, o sucessor de Sargão, Senaqueribe, invadiu Judá e sitiou a própria Jerusalém. Talvez seja isso que Miquéias quis dizer quando profetizou: **Estendeu-se até à porta do meu povo, até Jerusalém** (9).

Miquéias bem sabia que o desentendimento moral e espiritual entre um povo era uma ferida fatal que só podia ser curada pela volta a Deus. **A sua chaga é incurável** é, literalmente, “ele está gravemente doente por causa de suas feridas”. Para o profeta, está bastante claro que o salário do pecado sempre é a morte.

É fato sério que a obstinação no pecado entre qualquer grupo de pessoas sempre ocasiona o julgamento divino. Trata-se de uma ferida que só Deus pode curar.

Para dramatizar sua tremenda preocupação e impressionar o povo com a escassez que, sem dúvida, viria, Miquéias expressa abertamente sua dor de maneira comum em seus dias. **Por isso, lamentarei, e uivarei, e andarei despojado e nu** (8). Ele tirou os calçados e a roupa de cima. O profeta ficou tão profundamente abalado pelo que viria sobre sua gente, que tinha vontade de fazer “lamentações como de chacais e pranto como de avestruzes” (8b, ARA). Os terríveis uivos noturnos dos chacais (**dragões**) e o som triste e pesaroso das **avestruzes** expressam emoções de medo e tormento que palpitavam incontrolavelmente no interior do profeta.

Os homens de Deus que desejam eficiência no ministério devem tomar parte na preocupação sensata de Miquéias pelos santos sofredores e pelo julgamento dos pecadores. É necessário que o ministro seja incitado pela palavra que recebe do Senhor. Tem de ser tocado pela verdade que dá ao povo; pois é somente quando seu coração tem esse tipo de preocupação que sua mensagem atinge o coração dos que o ouvem. Para que a pregação seja significativa, a comunicação tem de ser de coração para coração.

Miquéias ficou não só aflito com a situação difícil e triste do povo, mas também com raiva quando lembrou os pecados que ocasionaram esta catástrofe. Por causa disso, foi extremamente satírico ao anunciar a destruição que viria sobre Judá, ao servir-se de uma série de trocadilhos (10-15) feitos com os nomes das cidades da região sudoeste da Palestina. O dramático jogo de palavras aparece na tradução de J. B. Phillips:

*Portanto, em Gate, onde as histórias são contadas, não digais uma palavra!
Em Aco, a cidade da Lamentação, não derrameis uma lágrima!
Em Afra, a casa do Pó, rastejai no pó!
E vós que morais em Safir, a cidade da Beleza, saí, pois a vossa vergonha está descoberta!*

*Vós que morais em Zaanã, a cidade da Marcha, agora não há marcha para vós!
 E Bete-Ezel, situada na ladeira, em sua tristeza não pode oferecer posição segura,
 Os habitantes de Marote, a cidade da Amargura, esperam tremulamente pelo bem,
 Mas a desgraça desceu do Senhor até a porta de Jerusalém!
 Agora, vós que morais em Laquis, cidade famosíssima por seus cavalos,
 Pegai vossos corcéis mais velozes e atrelai-os aos vossos carros!
 Pois o pecado da filha de Sião começou convosco,
 E em vós achou-se a fonte da rebelião de Israel.
 Portanto, dai vosso dote de despedida para Moresete de Gate!
 As casas de Aczibe, aquele riacho seco, foram uma ilusão para os reis de Israel,
 E uma vez mais trago um conquistador contra vós, homens de Moresete,
 Enquanto a glória de Israel está escondida na caverna de Adulão.*

Miquéias fala que Laquis foi o **princípio do pecado para a filha de Sião** (Jerusalém, 13). O profeta quer dizer que foi aqui que as corrupções idólatras do Reino do Norte encontraram seu primeiro ponto de apoio no Reino do Sul. Ele dá a entender (14,15) que as pessoas deste lugar queriam enviar presentes à cidade natal do profeta, **Moresete-Gate** ou Maressa, e à vizinha cidade de **Aczibe**, a fim de garantir o apoio delas contra o inimigo. Mas essa ajuda, diz o profeta, não virá, pois um **herdeiro** (15, “inimigo”, NTLH; “vencedor”, ECA; ou “conquistador”, NVI) também derrotará tais cidades. Nas palavras **Adulão a glória de Israel**, Miquéias recorda que o apuro de Judá é como o de Davi, que em um desesperado momento de fuga achou refúgio na caverna de **Adulão**, situada perto de Maressa. Ele vê a glória da outrora orgulhosa nação hebraica enfrentando uma nova Adulão de desespero.

O lamento triste de Miquéias se encerra com uma conclamação para o povo lamentar a perda iminente de seus filhos. Essas crianças, que foram criadas com esmero e carinho, estão destinadas a uma vida dura de escravidão na terra do inimigo. Ao falar deste pranto, Miquéias usa um símbolo comum de aflição: **Faze-te calva e tosquia-te** (16). Devem tosquiar (raspar) as cabeças (cf. Am 8.10; Is 22.12; Jr 16.6). Os **filhos das tuas delícias** ou “os teus filhos queridos” (Phillips; NTLH). Nesse luto, diz Miquéias, ficarão semelhantes à **águia**, ou melhor, ao urubu (ASV, nota de margem), cuja cabeça, diferente da águia, é **calva**, porque tem penas no restante do corpo.

Como indicado acima, este julgamento que Miquéias presenciou sobre Judá acarretava no cerco de Senaqueribe em 701 a.C. Ao compararmos esta passagem com Isaías 10.28-32, vemos algo do pânico e destruição que se espalhava de cidade em cidade com a aproximação dos exércitos assírios. Mas as repreensões de Miquéias foram levadas a sério pelo rei Ezequias (Jr 26.18,19), e a mensagem complementar de Isaías deu mais esperança e fé ao rei. Pela penitência e confiança em Deus, o julgamento foi atrasado (2 Rs 18.14-16; Is 37.36,37).

B. POR QUE JULGAMENTO?, 2.1—3.12

1. *Injustiça* (2.1-5)

Deus prossegue com o caso contra seu povo desobediente. Através do profeta, expõe os males específicos na vida social e religiosa do povo, os quais eram responsáveis

pela ruína deles. Miquéias deixa claro que os pecados contra o povo são, na realidade, pecados contra Deus. Neste ponto, precedeu o ensino de nosso Senhor Jesus (Mt 25.31-46; Lc 11.39-42; 16.13-15).

A injustiça era excessiva em Judá. Homens dessa categoria estavam prontos para tirar vantagem de seus companheiros. Entre esses indivíduos particularmente culpados estavam os ricos citadinos ávidos em obter extensas propriedades de terra (ver Introdução). Essa gente estava infectada pela cobiça que Deus condenara no Sinai (Êx 20.17). A cobiça é a raiz de vários tipos de males. Dela emana o desejo pecaminoso que incita os homens a quebrarem muitos dos outros nove mandamentos.

Estes homens eram tão aplicados em suas buscas gananciosas que **maquinam o mal** (1) **nas suas camas**, ou seja, ficam noites acordadas imaginando como conseguir mais terras. Então, **à luz da alva**, levantam-se sem agradecer a Deus ou levar em conta suas leis (“porque não ergueram as mãos para Deus”, LXX). Descaradamente, em plena luz do dia, começam deliberadamente a pôr em ação seus desígnios egoístas. Em conluio com autoridades igualmente corruptas, mediante subornos e outros procedimentos ilegais, desapropriam campos e casas desejáveis dos seus respectivos donos. Nos dias de Miquéias, a riqueza consistia em grande parte em bens imóveis. Estes homens estavam tão dominados pela mania de possuir terras que, sem piedade, “saqueavam os órfãos” (LXX) e oprimiam casas inteiras, sem consideração pelos direitos invioláveis de herança dos donos (2). Miquéias não condena a riqueza em si, mas reprova a aquisição desonesta e o uso egoísta que é atribuição dos homens.

Pensamentos maus levavam estes homens a ações de confisco, roubo e violência. Do pensamento à ação, é como o mal se desenvolve. A passagem sugere a necessidade de resistirmos os primeiros ataques do pecado, expulsarmos os primeiros pensamentos do mal. É bastante ruim ser subitamente apanhado sem querer no erro ou no pecado, mas é extremamente pior ser apanhado no erro ou pecado deliberado, com desígnio, para seguir um curso do mal. O testemunho do salmista (Sl 63.5,6) e a advertência de Paulo (Fp 4.8) nos dão a orientação de Deus nesta área.

Os atos de pecado se desenvolvem a partir de pensamentos maus, e as atitudes pecadoras aumentam em sua pecaminosidade. Os que devoravam casas de viúvas uma geração mais tarde, tramavam contra aquele que reprovava esta prática (Mt 23.14). Foram eles que gritaram: “Fora daqui com este [homem]” (Lc 23.18).

A situação da qual Miquéias fala é ilustração surpreendente do que acontece quando os homens são governados pelo egoísmo. Planejam e trabalham por interesses próprios. Por não serem espirituais, dependem da própria maquinação e habilidade para conseguir o que intentam. Nesse ato, burlam todas as leis que impeçam seus propósitos ou simplesmente as desconsideram.

A opressão que Deus odeia não está limitada a tomar bens materiais. Envolve todas as injustiças sociais. Todos os homens são criados à imagem divina com direitos iguais diante de Deus. Cada ser humano é precioso aos seus olhos. Ninguém deve ser oprimido ou enganado em qualquer assunto.

Paulo ressalta (2 Co 5.15,16) que nós, como cristãos, devemos considerar todos os homens como filhos potenciais de Deus. Não devemos vê-los somente do ponto de vista humano e avaliá-los pela aparência. Ainda que sejam os mais vis pecadores, Cristo mor-

reu para torná-los santos. Temos de ver todos os homens com compaixão entranhável, como pessoas a serem amadas e pelas quais oramos para que nosso Senhor as salve.

Miquéias não é o único que condena a injustiça. O salmista (Sl 36.1-4) fala de modo semelhante, bem como os profetas Isaías (Is 5.8-12; 32.7) e Amós (Am 8.4). Elias enfrentou Acabe e o condenou severamente por exigir o vinhedo de Nabote (1 Rs 21). Muitos anos depois, Jesus condenou alguns dos homens mais religiosos de seus dias pelas injustiças deflagradas pela cobiça (Mt 23.14; Mc 12.38-40; Lc 20.46,47). Sempre precisamos manter em mente que a justiça e boa vontade para com nossos semelhantes ainda são imperativos na vida cristã.

No tempo de Miquéias, os altares ficavam vermelhos com o sangue que escorria de milhares de bois, carneiros e cordeiros comprados pelos ricos de Jerusalém, que pagavam regamente os sacerdotes pelos serviços. Hoje, é possível participar de cultos religiosos públicos cuja forma goza de ampla aceitação e, ao mesmo tempo, estar longe de satisfazer os padrões cristãos de adoração adequada. Ser hostil, agir com desonestidade nos negócios, divorciar o credo da prática são alguns procedimentos que desqualificam o crente diante do Senhor.

Deus é o Juiz entre os homens e vinga o inocente. Por causa da opressão citada por Miquéias, o Senhor delineia um julgamento humilhante para **esta geração** (3; os israelitas), do qual ninguém escapará ou “se sacudirá” (Phillips; cf. **do qual não tirareis os vossos pescoços**). O povo estava diante de dias desastrosos e os inimigos o humilhariam tanto que não andaria mais orgulhosamente ereto. **Não tirareis os vossos pescoços** significa que quem tinha se recusado a curvar o pescoço sob o jugo fácil dos mandamentos de Deus, agora tem de se curvar sob o jugo pesado do julgamento de Deus: o terrível cativo no exílio. **O tempo será mau** quer dizer que são tempos de desgraça, tempos semelhantes aos mencionados por Jeremias (Jr 18.11) e Amós (Am 5.13).

É verdade que hoje quem recusa o jugo fácil da obediência a Cristo não escapa do fardo pesado do julgamento. Aqueles que, por orgulho, não dobram voluntariamente o pescoço para levar o jugo de Cristo, cedo ou tarde serão forçados a dobrar o pescoço (Rm 14.11,12; Fp. 2.9-13).

O julgamento segundo os pecados cometidos estava a ponto de cair sobre os ricos cobiçosos. As terras que eles tinham arrancado dos outros seriam tomadas no tempo devido pelos invasores. Os inimigos lhes dirão de forma acusativa e zombeteira o destino desagradável que lhes aguarda e todos entoariam esta canção: **Nós estamos inteiramente desolados!** (4); “Estamos totalmente arruinados e destruídos! Deus troca a porção de meu povo. Como ele a retira de mim! Divide nossos campos aos rebeldes – nossos invasores” (4, ATA; cf. Hc 2.6).

Os campos que com tanto prazer confiscaram dos desamparados agora lhes seriam tirados. **Não terás tu... quem lance o cordel pela sorte** (5) significa que nenhum deles vai assumir uma parte da terra de Israel por rateio. Não haveria restauração no ano do Jubileu, porque não sobraria alguém da congregação de Jeová. Estes homens, que tinham tomado posse da terra, seriam levados em cativo, enquanto que quem se beneficiaria de seus campos seriam uns poucos pobres que ficariam e estrangeiros trazidos de outras nações.

Esta é uma verdade eterna, como salienta Matthew Henry: “Quanto mais inteligente é o ímpio no pecado, mais santas são a sabedoria e a conveniência no castigo; pois o Senhor será conhecido pelos julgamentos que executa”.²

2. O Desejo de Pregação Fácil (2.6-11)

Alguns ouvintes, indignados porque Miquéias expusera seus crimes publicamente e afirmara que o julgamento de Deus seguramente viria sobre eles, o interromperam. Deram a entender que não tolerariam mais tal conversa: **Não profetizeis** (6). Os clamores confusos destes importunadores poderiam ser interpretados assim: “Pára com esse teu profetizar! São profecias (sobre nós)! Não vai acontecer isso! Será que nunca acabam estas repreensões?”³

O povo não queria ensino honesto. Como muitos em nossos dias, os habitantes de Judá desejavam coisas novas, inventadas pelo homem e não reveladas por Deus. Era popular descrever no que tinha sido revelado e no que os pais já tinham comprovado que era verdadeiro.

A atitude enfrentada por Miquéias é semelhante à encontrada por Isaías (Is 30.10), Jeremias (Jr 5.30,31) e Amós (Am 2.12). O público de Miquéias era como o que tem “comichão nos ouvidos” sobre o qual Paulo escreve (2 Tm 4.3-5). Em outra carta, o apóstolo fala também dos resultados trágicos de recusar ouvir a palavra de Deus (1 Ts 2.8-12). São tempos tristes quando, como diz Pusey, “os homens ensinam seus mestres como querem ser ensinados erroneamente, e ouvir o eco dos próprios desejos como a voz de Deus”.⁴

Miquéias não se intimidou, nem evitou se comprometer. Ele se empenhou em criar fielmente um conceito adequado de justiça na mente das pessoas. E hoje precisamos considerar a base para a verdadeira justiça. Pois em nossos dias, como nos deste profeta, o comercialismo e o materialismo suplantam os valores éticos e espirituais. Não devemos nos esquecer de que “um ato não é justo porque tem sanção legal ou não é necessariamente justo porque tem a sanção da igreja ou da consciência do indivíduo. As nações, bem como as estruturas menos organizadas, têm concedido status legal a atos que são amorais e até imorais. As pessoas em grupos ou como indivíduos subordinam a consciência para justificar o mal ao visar alcançar certos fins”.⁵

Miquéias procura argumentar com as pessoas. Apresenta quatro questões importantes (7): a) “Acaso dir-se-á isto, ó casa de Jacó?” (7a, RSV; cf. ECA). Vocês estão mesmo justificados, pergunta ele, ao falar desse jeito? b) **Tem-se restringido o Espírito do SENHOR?** Será que se me silenciarem, inquire Miquéias, vocês também calariam o Espírito de Deus? Vocês acham que, por serem incrédulos e desobedientes, frustram os planos divinos? Vocês conseguem tornar Deus seu prisioneiro e criado? c) **São estas as suas obras?** Vocês podem culpar Deus pelos julgamentos que vocês sofrerão? Miquéias os lembra: Não foram vocês que erraram? d) **Não é assim que fazem bem as minhas palavras ao que anda retamente?** O homem reto não tem medo do que eu possa dizer. Se quiserem, então andem retamente. Minhas palavras, que são mesmo de Deus, são para instrução e consolo e não para causar angústia.

O modo em que os versículos 6 e 7 descrevem a oposição à palavra de Deus sugere que os homens podem opor-se à verdade do Senhor, mesmo quando é falada com fidelidade e constância. Podem rejeitá-la, mas os propósitos divinos permanecem; o Espírito Santo jamais é contido. Opor-se à palavra divina, que é permanente, priva a pessoa das bênçãos imensuráveis do ministério fiel. Esta atitude ofende o Espírito de Deus, e despoja os homens de todos os privilégios do Evangelho.

Miquéias prossegue, enfrenta os antagonistas e revela mais de suas explorações cruéis contra os inocentes da terra. Estes homens, ao contratarem grupos de ladrões para emboscar viajantes desavisados, saqueavam as vítimas e agiam como um exército

invasor. Roubavam até as roupas de pessoas bem intencionadas que discretamente cuidavam da própria vida. “Vós vos levantaiis contra meu povo como se fosse um inimigo”, declara Miquéias. “Vós tirais a capa dos que estão tranquilos, daqueles que passam confiantes sem pensar em guerra” (8, RSV; cf. NTLH).

Lançastes fora as mulheres do meu povo (9). Fizeram com que mulheres e crianças fossem afastadas de suas casas e levadas em cativo para longe de sua herança legítima sob o governo de Deus, para longe do templo e de suas ordenações pelas quais aprenderam sobre o Senhor e viram sua glória. Miquéias exorta seus compatriotas a se levantarem e mudarem de comportamento. Adverte-os a não esperar descanso, pois o pecado que corrompeu a terra seguramente os destruirá (10).

Esta declaração profética nos coloca à frente do fato triste de que é o homem que corrompe e ainda contamina o mundo, e não o mundo que corrompe o homem. E a lei da vida exara que quem corrompe o mundo ao redor, cedo ou tarde, será contaminado pela corrupção que promulgou. “Não se iludam”, disse Paulo. “Lembrem-se de que vocês não podem desprezar a Deus, e escapar; um homem sempre colherá justamente o produto da semente que plantou! Se plantar a fim de agradar aos seus próprios desejos maus, plantará as sementes do mal e logicamente fará uma colheita de ruína espiritual e morte” (Gl 6.7,8a, BV).

Os cidadãos de Judá não queriam um profeta íntegro. Sua determinação era ouvir somente as pessoas que, ao afirmarem ser profetas de Deus, tolerassem a vida sem princípios e disciplina que levavam, e lhes pregassem **acerca do vinho e da bebida forte** (11). “Esta era uma daquelas épocas”, declara Rolland Wolfe, “em que a congregação manda no púlpito. O principal critério na escolha de um profeta ou ministro era que dissesse o que agradasse os ouvidos das pessoas, e espalhasse mentiras alegres e não a verdade muitas vezes amarga”.⁶

O homem de Deus que prima pela fidelidade é menos popular do que o que, de boa vontade, transige os quesitos verdadeiros por perturbarem os pecadores e meramente ecoa as opiniões do dia. Proclamar o verdadeiro Evangelho que exige arrependimento, abandono do pecado e vida íntegra quase sempre encontra oposição.

Os falsos cultos de hoje prometem conceder o favor divino sem exigir obediência aos ensinamentos íntegros de Deus. Pusey explica por que tais cultos atraem tantas pessoas:

O homem quer ter um deus. O Senhor fez nossa natureza com a necessidade de desejá-lo. O desejo espiritual, como a fome natural que é privada de alimento saudável ou que o detesta, deve ser sossegado, abafado com o que satisfará seu suplício. Nosso intelecto natural o deseja, pois não pode entender a si mesmo sem ele. Nossa inquietação o deseja para nele descansar. Nosso desespero o deseja para escapar da pressão insuportável de nossa futuridade desconhecida. Nossa imaginação o deseja, pois tendo sido feita para o Infinito não consegue se contentar com o finito. Os sentimentos doloridos o desejam, pois não há criatura que os acalme. Nossa consciência insatisfeita o deseja para ensiná-la e torná-la uma consigo mesma. Mas o homem não quer ser responsável nem dever obrigações; muito menos ser passível de pena por desobediência. [...] O homem natural quer ser totalmente livre do que o deixa desconfortável para não pertencer a Deus. E a sutileza terrível dos falsos ensinamentos em cada época e nação é satisfazer suas exigências prediletas sem pedir abnegação ou auto-sacrifício, para darem um deus, como se o tivessem, como se pudessem contentá-lo.⁷

3. *Previsão de Libertação* (2.12,13)

Miquéias, como outros profetas do Antigo Testamento, via o futuro como um todo, sem perspectiva de tempo. Contemplava importantes acontecimentos futuros no procedimento de Deus com o povo, mas não tinha discernimento sobre o tempo do cumprimento. O profeta não sabia se longos anos ou milênios separavam uma mensagem da outra. Sua visão era como a nossa ao vermos estrelas no céu. Vemos os corpos celestes, mas não temos perspectiva espacial; nada contemplamos que indique que umas estão imensamente mais longe que as outras.

Portanto, não nos surpreendamos ao descobrir que o registro que Miquéias fez das coisas que contemplou não está na forma de narrativa cronológica. Não fiquemos perturbados por notar que o relato da restauração futura está no meio da previsão dos julgamentos mais imediatos de Deus. Nem estranhemos que, nos capítulos 4 e 5, os versículos que tratam da vinda de Cristo para redimir estejam misturados com os que falam de sua vinda para reinar.

Ao mesmo tempo em que Miquéias contava sobre o julgamento iminente, sabia que um remanescente do povo de Deus voltaria para a Palestina. Ele fala sobre isso em 2.12,13, ao declarar que os fiéis dentre as 12 tribos serão reunidos do cativeiro e instalados novamente em sua pátria. Ao falar pelo Senhor, Miquéias diz: “Certamente ajuntarei todos vós, ó Jacó; certamente congregarei o restante de Israel; Eu os reunirei (Israel) como ovelhas no aprisco, como rebanho no meio do pasto. Eles (o aprisco e o pasto) fervilharão de homens e zumbirão pelo muito barulho que farão” (12, ATA). O seu Rei divino, o **arroteador** (13; “o que abre caminho”, ARA), não só lançará a porta ao chão, mas fará uma brecha na parede da prisão do exílio israelense para acelerar a fuga. Como um rebanho de ovelhas inquietas “sairia às pressas” (LXX) e ruidosamente pelas aberturas feitas para elas, assim Deus, o Bom Pastor, marcharia diante dos israelitas, para guiá-los rumo à pátria para o aprisco.

É claro que esta previsão se refere diretamente à restauração de considerável número de cativos sob os decretos de Ciro e Artaxerxes, respectivamente, nos séculos VI e V a.C. Também pode ser um prenúncio dos milhares de judeus e gentios que, ao aceitarem a Cristo, tornaram-se verdadeiros filhos de Abraão (Gl 3.7), e foram reunidos no aprisco da igreja (Rm 11.1-5). Ou talvez seja previsão daquele dia ainda mais glorioso que João viu, no qual “uma multidão, a qual ninguém podia contar”, se une a uma voz de louvor ao Bom Pastor que a trouxe ao redil seguro na presença imediata de Deus (Ap 7.9,10).

Todo inteiro (12) não quer dizer que todos os cativos na Babilônia voltarão. **Todo inteiro** significa Israel e Judá. Deus afirma que os que desejarem voltar, quer originalmente de Israel ou de Judá, serão reunidos como um grupo. Já não serão duas nações. “É certo que reunirei novamente todos vós, ó Jacó; com certeza levarei para casa os sobreviventes de Israel” (12, Phillips). **Bozra** quer dizer “curral de ovelhas” e talvez esta seja a tradução melhor, como ocorre em versões mais recentes (cf. ARA; ATA; BV; ECA; NTLH; NVI; Phillips; VBB).

Miquéias tinha acabado com as falsas esperanças do povo em resultado dos ensinamentos errados dos falsos profetas que anunciaram não haver necessidade de temor. Mas ele também é fiel em mostrar que depois do castigo Deus pretende mostrar sua misericórdia ao seu povo.

4. *Líderes Vis* (3.1-12)

O julgamento virá, declarou Miquéias, por causa da total injustiça na terra, e porque as pessoas influentes, que eram especialmente culpadas, quiseram que as coisas fossem desse jeito. Os líderes se aproveitavam dos seus privilégios e responsabilidades.

a) *Os soberanos são denunciados* (3.1-4). Os líderes políticos responsáveis pelo povo de Deus – os **chefes de Jacó** (1) e os **príncipes da casa de Israel** – tinham de **saber o direito** e praticá-lo. Eles deveriam ser os guardiões da justiça, os protetores sensatos do povo. Se desconhecessem algum aspecto de seu dever, possuíam meios para averiguar o **direito** que deveriam administrar com justiça imparcial. Então, eles não tinham desculpas (1 Rs 3.9-12; Jr 5.3-5).

Mas, ao invés disso, reclama Miquéias, eles são homens maus que **aborrecem o bem** (2) e **amam o mal**. Em vez de serem bons pastores que alimentam o rebanho, tosquiavam e comem as ovelhas. Insensíveis e sem piedade, por assim dizer, arrancam a pele e cortam a carne das pessoas. “Quebram os ossos e cortam em pedaços os corpos do povo como se fossem carne para a panela, como carne num grande caldeirão” (3, ATA; cf. Ez 34.2-4).

É muito ruim quando cidadãos comuns se lançam em oposição ignorante ou negligente à justa vontade de Deus, mas é muito pior quando os líderes agem assim. Sem senso de mordomia sacra, removem intencionalmente os controles designados para restringir a corrupção e, desse modo, incentivam as pessoas à iniquidade. Miquéias adverte duramente que haverá uma reversão radical na sina. Chegará o dia em que os líderes se encontrarão em situação semelhante à que colocaram as vítimas. Dias desesperados jazem à frente e, quando chegarem, clamarão a Deus em busca de ajuda. Mas o Senhor, ao lembrá-los do tratamento cruel que dispensaram aos outros, **não os ouvirá** (4). Com o intratável (o desobediente e perverso), Deus se mostrará irredutível (2 Sm 22.27; Sl 18.26). O castigo mais duro para estes líderes não será o furor das pessoas que maltrataram, nem mesmo a crueldade dos inimigos que os derrotarão. Será o silêncio impenetrável do Senhor a quem afrontaram. A oração feita indignamente sempre permanece sem resposta. “O que tapa o seu ouvido ao clamor do pobre também clamará e não será ouvido” (Pv 21.13). E Tiago avisa: “O juízo será sem misericórdia sobre aquele que não fez misericórdia” (Tg 2.13; cf. Is 1.12-15).

b) *Os falsos profetas são denunciados* (3.5-8). Esses homens que professam ser chamados e iluminados para falar a mensagem de Deus ao povo deveriam ser exemplos destacáveis de lealdade e devoção à causa divina. Deveriam advogar a justiça e a misericórdia. Mas os profetas proeminentes nos dias de Miquéias desviavam as pessoas. Não há erro mais incorrigível do que o ensinado em nome de Deus.

Isaías descreveu estes profetas, quando lamentou: “Oh! Povo meu! Os que te guiam te enganam e destroem o caminho por onde deves seguir” (Is 3.12, ARA; cf. Jr 9.16). Foram tão gananciosos quanto os líderes políticos; foram pessoas que sempre concordaram com seus superiores, cujos motivos eram mercenários. Seus pronunciamentos traziam uma etiqueta de preço e adequavam seus oráculos de acordo com o pagamento. Quando bem pagos, quando tinham comida saborosa para morder **com os seus dentes** (5), prometiam **paz** e segurança, “mas apregoam guerra santa contra aqueles que nada lhes metem na boca” (5c, ARA; cf. NVI). Eram exploradores sem escrúpulos (ver Ez 13.19,22,23).

O servo de Deus deve viver pelo Evangelho (1 Co 9.13,14), mas não precisa viver com luxo, nem modificar a mensagem de acordo com o sustento.

Miquéias expõe os falsos profetas pelo que realmente são. Afirma que **suas visões** (6, a palavra revelada do Senhor para eles) serão tiradas. Os que, por dinheiro, deram orientações errôneas às pessoas serão abandonados em suas próprias ilusões sombrias. Pelo fato de eles mesmos estarem na noite espiritual, não poderiam fazer **predições** ou tornar a vontade de Deus conhecida. Em consequência disso, as trevas espirituais infestarão toda a nação. Elas caem sobre todo homem, ou grupo de pessoas, que, por fins ignóbeis e egoístas, fecham os olhos à verdade. Agir irresponsavelmente com a justiça, faz os homens perderem todo o senso de princípio; “direitos” e “deveres” tornam-se meras palavras (ver Mt 7.22,23; 1 Jo 1.7).

É muito ruim estar sob o governo de líderes que não temem a Deus, mas é pior ser guiado por falsos mestres. Jesus falou sobre eles quando se referiu a cegos que guiam cegos (Mt 15.14) e mencionou a necessidade de andarmos na luz para que não sejamos surpreendidos (Jo 12.34-36). Se por um ganho monetário ou por outro motivo vil, os líderes da igreja torcem o Evangelho, quando as pessoas lhes pedem conselhos, não têm a resposta do Senhor para dar. E como são densas essas trevas! (Mt 6.19-23; cf. Is 5.20,21).

Esses profetas ou **videntes** (7; cf. 1 Sm 9.9) e **adivinhadores** (pessoas que lançam sortes e servem-se de outros expedientes para determinar o futuro) tinham abusado da confiança das pessoas para alcançar seus fins egoístas. Embora Deus os tivesse abandonado, preconizavam ter a mensagem divina. Mas ficariam confusos, porque suas palavras não eram genuinamente divinas. Logo o povo teria provas de que esses indivíduos eram fraudulentos e impostores. A Septuaginta diz: “Os videntes de visões noturnas ficarão com vergonha, e os profetas serão escarnecidos às gargalhadas; e todas as pessoas falarão contra eles, porque ninguém lhes dará ouvidos”. **Cobrirão os seus lábios** diz respeito a pôr a barba para cima até cobrir a cabeça de forma a esconder o rosto por sentir vergonha e humilhação. Este procedimento era exigido dos leprosos (Lv 13.45). Era sinal de luto (Ez 24.17,22). Os falsos profetas tinham mentido com os lábios; agora deveriam cobri-los como homens envergonhados e sem ter o que dizer.

Miquéias, em contraste com os falsos profetas a quem acabara de desmascarar, estava confiante no favor divino. Declarou solenemente: **Decerto, eu sou cheio da força do Espírito do SENHOR** (8). Era por causa disto que tinha luz para julgar com justiça, e ousadia moral para reprovar a maldade das pessoas. A sua suficiência estava no Senhor (cf. Ez 2.7,8; 2 Co 3.4-6). Miquéias manifesta as qualidades da liderança espiritual, as quais também foram mencionadas por Paulo quando escreveu a Timóteo: ousadia, poder, amor e moderação (2 Tm 1.7, ARA; cf. NVI). Como Miquéias, quem age honestamente sempre pode agir ousadamente; e quem está seguro de que possui a comissão do Senhor não precisa ter medo das opiniões e oposições de homens.

c) *Mais líderes são denunciados* (3.9-12). Os líderes da nação secular e religiosa tinham perdido o senso de equidade e justiça. A cobiça os consumia tanto que todos os expedientes que lhes garantisse o desejado ganho eram considerados aceitáveis. Miquéias os desafia: **Ouvi agora isto**, vós, líderes, **que abominais o juízo e perverteis tudo o que é direito** (9). Eles odiavam toda investigação judicial que impedisse suas práticas, e torciam as leis para satisfazerem seus desígnios astuciosos.

Jerusalém (10), e a nação da qual era a capital, estavam sendo erguidas pelo zelo e pretensão religiosa de trapaceiros ricos. De certo modo, o pão dos necessitados era a vida da cidade. Como Habacuque (Hc 2.12) e Isaías (Is 22.13-19), Miquéias sabia que este era um fundamento instável. Os habitantes de Jerusalém, mal-ensinados pelos falsos profetas, mantiveram o tempo todo um senso de segurança. Reputavam que sua cidade era antiga e sagrada; portanto, inviolável. Tinham religião suficientemente justa para pensar que em tempos de dificuldade Deus lutaria por eles. Por isso, haviam tratado com desconsideração a mensagem de advertência do verdadeiro profeta do Senhor. Mas, a falta de espiritualidade sempre ocasiona julgamento; ninguém está isento. Sem Deus, todos os imponentes planos políticos e sociais, com os quais os homens buscam estabelecer segurança, falharão. O Senhor ainda domina os assuntos humanos. Com Ele, a fé, a integridade e o amor têm grau elevado.

As coisas estavam em mal-estado tal que até os homens mais velhos da comunidade, os **chefes** (11), que serviam como juízes e em quem, em outros períodos, as pessoas podiam implicitamente confiar, agora eram manipulados com subornos. Os **sacerdotes** e os **profetas** também tinham seu preço. Eram instrumentos dos ricos inescrupulosos, e não mentores espirituais e morais do povo. Usavam seus cargos como oportunidades de exploração, em vez de serem canais de serviço. A cobiça permeava tudo o que faziam. O lucro era seu alvo supremo, e, assim, tornou-se o seu deus.

Apesar de toda sua ética pervertida, estes líderes tiveram a petulância de fingir que **dependiam do SENHOR**. (11; “se apóiam no Senhor”, NIV). Em sua cegueira espiritual e estupor moral, imperturbavelmente afirmavam que tudo estava bem. Deus, diziam, estava no meio de seu povo; portanto, não havia infortúnio que os acometesse.

Em face desta hipocrisia descarada, Miquéias declarou ousadamente que era a corrupção que estes líderes de fala mansa e piedosa tinham levado para o povo, que resultaria na destruição da nação. **Portanto, por causa de vós, Sião será lavrado como um campo** (12). “Embora o que é pecaminoso nunca possa ser consagrado por um zelo para a igreja, contudo o que é sacro pode ser – e freqüentemente é – profanado pelo amor do mundo. Quando os homens fazem o que em si é bom, mas o fazem por lucro sórdido, o ato perde seu mérito e torna-se uma abominação para Deus e para si próprios”.⁸

Miquéias e outros dos antigos profetas de Deus nos deixam pasmos com sua ousadia. Como diz Raymond Calkins: “Parece que não se preocupavam com o que poderia lhes acontecer. Entregavam a mensagem com total desatenção pelas consequências. Neste aspecto, são modelos para o pregador hodierno. Tornam-no sóbrio. Fazem-no perguntar se é ou não fiel ao seu chamado como o foram com o deles, ou se simplesmente ecoam, mais ou menos inconscientemente, as opiniões do dia”.⁹

Jerusalém, a outrora cidade próspera, outrora abençoada por Deus, se tornaria em **montões de pedras** (“montões de ruínas”, ARA). O recinto mais sagrado, o **monte desta casa**, o cume de onde a glória de Deus irradiou no templo de Salomão, não passaria de “um emaranhado de arbustos no topo de uma colina” (Phillips).

As palavras de James Wolfendale continuam a espelhar a verdade: “Quando os mestres corrompem a doutrina e os pregadores retêm o Evangelho; quando reis e príncipes pervertem a equidade e negligenciam os deveres especiais para cuja defesa foram empossados, envenenam o curso da vida e o transformam em fonte de morte”.¹⁰

É interessante observar que este versículo foi lembrado um século depois. No julgamento de Jeremias, que transmitira uma mensagem semelhante, o versículo foi citado

por quem o defendia da acusação de traição (Jr 26.18). O referido texto fala com todas as letras que a profecia de Miquéias durante o reinado de Ezequias causou tamanho impacto que desencadeou um verdadeiro arrependimento. E é lógico que o Senhor poupou a cidade até ao tempo de Jeremias. A passagem não só ocasionou avivamento em Judá, mas foi o meio de poupar a vida deste profeta cem anos mais tarde durante o reinado de Jeoaquim. Contudo, a cidade foi destruída como Miquéias profetizara.

Por outro lado, este capítulo ressalta certas qualidades do líder espiritual: 1) Ele serve: Entrega-se em vez de exigir receber dos outros (cf. Mt 20.26; Jo 13.14-17). 2) Vive na luz: Sua mente está iluminada pelo conhecimento pessoal de Deus e pela comunhão com o Senhor. Os apóstolos de Cristo foram os primeiros a estar “com ele” para depois irem por Ele (Mc 3.13,14). Paulo também salientou este princípio entre seus colegas de ministério (2 Tm 2.2). 3) Serve em poder: Cheio do Espírito Santo, trabalha com poder que não é seu. 4) Serve com ousadia: Sabe que suas diretivas são do Senhor e não de homens influentes. Sabe o que fala: “Assim diz o Senhor”. Não fala meras filosofias humanas ou procura chamar a atenção para si (2 Pe 1.16). 5) Serve em amor: Não visa lucro ganancioso (1 Tm 3.3; Tt 1.7).

Ao repreender os líderes vis dos seus dias, Miquéias salienta a importância dos que realmente lideram. O verdadeiro líder pode não ter a resplandecência de um político, mas é caracterizado por perspicácia, sabedoria, magnanimidade, audácia e integridade. Discerne as necessidades vigentes das pessoas. Sabe como satisfazer estas necessidades. Coloca o bem das pessoas acima dos desejos pessoais. Se a ocasião exigir, ousa opor-se à maioria para dirigir o grupo todo ao alvo correto. Encara honestamente as questões pertinentes. Sua transparência gera confiança, de forma que inspira as pessoas a lidar seriamente com seus problemas e a permanecer firmes até o fim, ainda que lhes custe “sangue, suor e lágrimas”.

A situação em Israel destaca a responsabilidade mútua entre os líderes e o povo, que se tornou como os seus superiores. Nos dias de Miquéias, a comunidade corrompeu-se pelo mau exemplo dos líderes. Eram autênticos cegos que lideravam cegos e faziam a nação inteira cair “na cova”. Mas também é verdade, sobretudo em nossos dias, que o povo pode exigir que seus líderes sejam justos e íntegros. Pela profecia de Miquéias, percebemos nitidamente que o povo também era responsável pelos julgamentos que viriam sobre a nação.

Esta responsabilidade mútua está clara no trabalho da igreja. O falso pregador que, no púlpito, desvia a congregação será julgado na presença de Deus. Mas, por outro lado, a comunidade pode exercer muita influência em seus ministros. As pessoas que ocupam os bancos da igreja serão julgadas pelo Senhor no quesito de terem melhorado ou piorado seus ministros. Certas igrejas erguem os pregadores; outras os destroem. Indiferença, inércia, mesquinhez e exagero podem acabar com a vida de um pregador. Como disse alguém: “Não se pode pôr *icebergs* na congregação e esperar que o ministro transpire!” Os melhores ministros fazem a melhor congregação. Mas também é verdade que a melhor congregação faz os melhores pregadores. Tal ministro, tal congregação. Tal congregação, tal ministro.

SEÇÃO II

O POVO DE DEUS TEM UM FUTURO

Miquéias 4.1—5.15

A. A GLÓRIA FUTURA DA CASA DO SENHOR, 4.1-8

Em dias maus de discórdia e guerra, Miquéias falava de um tempo de paz entre as nações. Porque contemplou a vinda de Cristo para estabelecer seu reino terrestre entre os homens. Em contraste com as situações sórdidas que o cercavam e apesar do medo dos julgamentos que sobreviriam sobre o povo de Deus, Miquéias ergue o olhar e vê um quadro luminoso de glória futura.

1. *Um Futuro Glorioso* (4.1-4)

Nos últimos dias (1) anuncia que o povo de Deus, agora destinado ao cativeiro, será livre, feliz e preeminente entre as nações. Com esta visão, Miquéias incentiva seus compatriotas a olhar para frente, para um futuro tempo dourado no qual a justiça e a paz prevalecerão por todo o mundo.

Miquéias declara que nesses **últimos dias**, no tempo do Messias, o **monte da casa do SENHOR** (o monte Sião), o local do santo templo em Jerusalém, “será o mais alto de todos [...] os montes” (NVI). Nesses dias, as nações da terra se voltarão para esta cidade exaltada. Ali, buscarão a orientação da lei de Deus. **Monte** simboliza nação. A idéia essencial é que a adoração de Jeová, o único Deus verdadeiro, será estabelecida como ponto supremo em toda a terra.

Há uma dupla ênfase nas palavras **para que nos ensine os seus caminhos e andemos pelas suas veredas** (2). Uma coisa é ensinarmos e aprendermos sobre a vontade de Deus. Outra, é cumprirmos essa vontade em todos os detalhes de nosso viver diário.

O texto de Zacarias 8.20-23 é um comentário desta passagem. Sião será não só o lugar de adoração universal, mas também o centro de instrução internacional. Até certo

ponto, esta profecia cumpriu-se com a expansão do Evangelho, do minúsculo país da Palestina para todas as regiões do mundo. Mas a passagem também tem conotações messiânicas definidas que relembram o quadro do Milênio desenhado em Apocalipse 20. Esse dia ainda está no futuro. Esperamos ansiosamente pelo cumprimento destas coisas quando Cristo vier para aperfeiçoar seu Reino justo e íntegro na terra e pessoalmente reinar entre os homens.

Quando Cristo reinar, **de Sião sairá a lei**. As disputas não serão mais resolvidas pela espada, mas à luz da verdade de Deus. Até as nações fortes serão mantidas sob controle pelos justos julgamentos do Senhor, porque Jeová **julgará** (3; “vai decidir”, BV) as questões que lhes interessam. Tamanho e força não mudam as decisões de Deus. O Senhor não é influenciado por exércitos em ordem de marcha. Ele julga os homens pela retidão de suas causas. Não haverá mais guerras. Os armamentos serão transformados em ferramentas de paz. Tempo, energia e riqueza, que outrora eram dedicados no desenvolvimento da guerra, serão destinados a ocupações mais construtivas.

Esta passagem em Miquéias é quase idêntica a Isaías 2.2-4. Não sabemos se um destes profetas contemporâneos citou o outro. Não obstante, o fato de ter sido registrado duas vezes sob a inspiração do Espírito Santo sugere sua importância.

Naquele dia glorioso sobre o qual Miquéias escreve, a Palavra de Deus será obedecida tão universalmente que as pessoas viverão com segurança em todo o tempo e em todos os lugares. Não haverá interesses predatórios, nem nação destruidora. Sem medo de serem importunados e hostilizados, cidadãos obedientes à lei desfrutarão de suas casas e posses – **assentar-se-á cada um debaixo da sua videira e debaixo da sua figueira** (4). Segurança e satisfação caracterizarão o período. A base para este estado é a propriedade privada – não o comunismo – entre as pessoas que temem a Deus. A prosperidade e bênçãos que houve em Israel no reinado de Salomão (1 Rs 4.25) eram prenúncios do que está reservado para o futuro. Mas note a diferença: que nos dias de Salomão, o pecado ainda existia em abundância. No milênio profetizado aqui, Satanás será preso e Cristo e seu povo reinarão em justiça. Os homens não têm força para fazer isso. Trata-se de uma condição que o próprio Deus estabelecerá, **porque a boca do SENHOR dos Exércitos o disse**.

2. A Motivação para Hoje (4.5-8)

Por causa desta glória futura que Jeová prepara para o seu povo, Judá é incentivado a andar com o Senhor. Ninguém conseguirá mudar o fim de Israel, embora as outras nações sigam o caminho de seus deuses: “Porque hoje todos os povos andam cada um no nome do seu deus, mas nós andaremos no nome do Senhor, nosso Deus, para todo o sempre” (5, ATA).

O povo de Deus, que nessa época passava por aflição e era oprimido, tinha motivos para se animar. **Naquele dia** (6), o período do reinado do Senhor, o seu povo será consolado e exaltado, governado por um Rei-Pastor compreensivo e amoroso. O idioma hebraico aqui sugere ovelhas cansadas e mancadas depois de terem percorrido um trajeto difícil. Não há que se duvidar que Deus aplicou esta condição aos israelitas, que muitas vezes são chamados ovelhas do Senhor. Como castigo pela desobediência, Israel sofreria muito. Mas esta passagem em estudo dá a entender que uma **parte restante** (7) dos judeus durante o Milênio receberá atenção especial e será

restabelecida ao favor divino sob os cuidados paternos de Jeová (ver tb. Is 40.9-11; Ez 34.11-16; 37.24-28; Sf 3.19; Rm 11.26-29).

A cidade de Jerusalém, embora sentenciada à destruição, é exortada a erguer a cabeça com esperança. Naquele dia futuro, Jerusalém será extremamente exaltada entre as nações da terra. Miquéias diz: **E a ti, ó torre do rebanho, monte da filha de Sião, a ti virá; sim, a ti virá o primeiro domínio, o reino da filha de Jerusalém.**

B. AS TRISTEZAS DO TEMPO PRESENTE, 4.9—5.1

Antes que o dia da libertação chegue, o povo de Deus tem de passar pelo fogo do julgamento. Nos versículos 9 e 10, Miquéias faz outra referência ao cativo que virá como julgamento sobre os israelitas, e fala como o Senhor os tratará naquela terra. Menciona as dificuldades pelas quais os habitantes de Jerusalém passavam e teriam de passar. Rejeitaram a dignidade do governo de Jeová e recusaram seus conselhos; assim, na realidade, estavam sem rei e conselheiro. “Partido em pedaços” (9, Phillips), ou seja, já não eram um povo forte e unido e estavam, portanto, à mercê dos inimigos. A dor e a angústia serão tão grandes que Miquéias compara a condição do povo com a **que está de parto** (10; “uma mulher em trabalho de parto”, NVI). Em seu sofrimento, os hierosolimitas seriam da **cidade**, ou seja, serão afastados do abrigo de sua cidade querida e santa. Seriam forçados a morar no **campo**. Lá, sem as conveniências e proteção da cidade, suportarão os elementos e a deslealdade dos desígnios dos inimigos. Seriam levados **até Babilônia**. Mas é lá, acrescenta Miquéias, nessa terra estranha, que Deus trabalharia entre eles. No devido tempo, seriam libertos, salvos das mãos dos que os oprimiam. Tendo em vista que Miquéias viveu durante os dias da supremacia assíria com o capital em Nínive, esta referência à Babilônia como lugar de exílio é exemplo interessante de inspiração divina e perspicácia profética com as quais o profeta exerceu seu ministério. O cativo na Babilônia previsto por ele aconteceu uns cem anos depois.

Judá era acossado. Jerusalém estava sob pressão de nações fortes que esperavam ansiosamente por sua queda (11). Mas essas forças adversárias desconheciam que **pensamentos** (12) o **SENHOR** tem por seu povo. Não sabiam que também estavam nas mãos do Deus de Judá, e que depois de tê-las usado para julgar a nação escolhida, também seriam condenadas. Miquéias escreve sobre este julgamento: “O Senhor reunirá os inimigos de seu povo como feixes de cereal num campo, sem defesa diante de Israel. Levante-se e debulhe, filha de Sião. Eu darei a você chifres de ferro e cascos de bronze. Você pisará as nações e as fará em pedaços, oferecendo as riquezas delas ao Senhor, o Senhor de toda a terra” (12,13, BV).

Mas antes de chegar esta redenção de Israel, há perigo. O profeta avisa o povo outra vez sobre a invasão iminente dos assírios, e o exorta a permanecer firme contra o ataque violento. Phillips traduz 5.1 assim:

*Agora, chama as tropas, ó filha de tropas!
Pois o cerco foi levantado contra nós,
E no insulto tomarão uma vara
E golpearão a face do juiz de Israel!”*

C. A VINDA DE CRISTO PARA REMIR, 5.2-15

1. *O Local do Nascimento do Messias* (5.2-5a)

Miquéias contemplou Deus tratar com um povo cativo, o qual o Senhor depois libertaria; teve também um vislumbre do Salvador-Rei há muito prometido. Era este que as pessoas tementes ao Senhor desejavam e esperavam desde que Adão perdeu o paraíso (Gn 3.15). O profeta viu que o Messias não nasceria nos imponentes ambientes da realeza de Jerusalém, mas em **Belém** (2), entre os clãs insignificantes de **Judá**. **Efrata**, aqui relacionado com **Belém**, era na verdade um povoado antigo que foi englobado por essa cidade (Gn 35.19). Era a casa original de Davi, o primeiro rei conquistador de Israel, o qual quase sempre é mencionado como precursor do maior Rei de Israel (Sl 89.19-37). O texto de Rute 1.2 e 1 Samuel 17.12 fala que os indivíduos relacionados com a família de Davi são efrateus.

A profecia de Miquéias teve seu cumprimento literal e espiritual no nascimento de Jesus. E esta previsão detalhada ajudou a manter viva a esperança no coração do povo de Deus durante os longos séculos de espera pelo Messias. Os líderes judeus nos dias de Herodes conheciam bem esta passagem e a citaram de cor quando ele, interessado, indagou onde o rei de Israel nasceria (Mt 2.4-6; ver tb. Is 7.14; 9.6,7).

Deus, ao falar por Miquéias, declarou que o Messias sairia “para mim” (NVI) como **Senhor em Israel** (“governante sobre Israel”, NIV). Este Servo especial de Jeová viria da antiga linhagem de Davi. Mas o Rei prometido não seria homem terrestre comum, pois “suas saídas eram desde o princípio, até mesmo desde a eternidade” (LXX). Estas palavras nos falam da encarnação, pois só o próprio Deus é desde a eternidade.

Sobre o versículo 3, Adam Clarke escreve: “Jesus Cristo entregará os judeus desobedientes e rebeldes nas mãos de todas as nações da terra, **até o tempo em que a que está de parto tiver dado à luz**, quer dizer, até que a igreja cristã, representada em Apocalipse 12 [...] como uma *mulher com dores de parto*, tenha completado a plenitude dos gentios. **Então, o resto de seus irmãos voltará**, ou seja, os judeus também se converterão ao Senhor; e assim, *todo o Israel será salvo*, conforme afirma Romanos 11.26”.¹

Ele permanecerá (4) insinua “cuidado, confiança e força”. O significado de **apacentará o povo** é: “Ele alimentará seu povo, conduzindo-o a pastos de grama tenra e ao lado de águas tranqüilas, pela graça e poder de Deus. Será visto com temor e reverência, porque é majestoso e tem o nome do Senhor, e sua fama se espalhará amplamente até aos confins da terra”.²

De acordo com Adam Clarke (cf. VBB), a primeira parte do versículo 5: **e este será a nossa paz** pertence corretamente à profecia do versículo 4. Estes dizeres nos lembram que os anjos que anunciaram o nascimento do Salvador cantaram sobre a paz e a boa vontade (Lc 2.14). Talvez esta seja referência à paz interior que as pessoas de todas as gerações conhecem por terem colocado a confiança em Cristo. Foi o próprio Deus que declarou: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize” (Jo 14.27). Ao longo de suas páginas, o Novo Testamento menciona essa paz de mente e espírito (ver esp. At 10.36; Rm 5.1; 14.17; Fp 4.7).

A paz de Cristo também fala da boa vontade que é gerada quando os homens vivem dignamente. Os verdadeiros cristãos são indivíduos de boa vontade, e por onde quer que vão, mudam o ambiente para melhor. É fato comprovado pela história que a justiça e a

paz social predominam na medida em que as pessoas na ordem social aceitam Jesus e vivem com sua paz no coração e de acordo com os seus ensinamentos justos. Aonde quer que Jesus vá, na vida do seu povo crente, desaloja a injustiça e todas as formas do mal.

Não só isso, mas os temores que atacam o povo em geral são, em grande parte, eliminados pela fé cristã vital. As fortes nações democráticas da terra que tão favoravelmente influenciam a totalidade do gênero humano foram estabelecidas em princípios cristãos por homens que avaliavam em alta conta o direito dos indivíduos. Somente em tais princípios é que a verdadeira democracia se desenvolve. Assim que são desconsiderados, nosso mundo se torna lugar instável e indigno de confiança. Thomas Melton disse a verdade quando escreveu: “Não podemos estar em paz conosco mesmos, porque não estamos em paz com Deus”. Esforços em alcançar a paz mundial e legislar a justiça internacional são ineficazes em grande parte porque as considerações de Deus e do Evangelho são ignoradas. Estas boas novas, com sua fórmula simples de paz e justiça individual, estão visíveis e tragicamente ausentes nas conversações estratégicas dos altos escalões de políticos e estadistas de hoje que buscam o caminho para a paz.

O fato de Miquéias mencionar que Cristo é a fonte da paz também tem referência a uma paz universal que Deus deseja estabelecer entre todos os homens. Mas esse “reino da paz” não virá até que o Príncipe da Paz venha à terra para reinar. Miquéias também abordou este acontecimento.

2. A Libertação do Inimigo (5.5b,6)

O profeta descreve a libertação que virá dizendo que **sete... e oito** (5) líderes serão levantados contra os invasores; são líderes competentes a enfrentar o poder dos inimigos. **Sete** ou **oito** significa um número indefinido, como é usado em outras ocasiões (ver Ec 11.2; Jó 5.19). **Esses consumirão** (6, “cuidarão de”, LXX; “governarão”, BV) **a terra da Assíria à espada e a terra de Ninrode** (sinônimo da Assíria, Gn 10.9,11) **nas suas entradas** (dentro das portas, onde o conselho e o tribunal da cidade mantinham sessões). Era assim que o Senhor Deus livraria seu povo.

Não há como saber se esta passagem diz respeito a um único incidente específico ou a uma série de acontecimentos durante certo tempo. Porém, sabemos que durante a invasão de Senaqueribe em fins do século VIII a.C., Judá, então regido pelo justo Ezequias, foi liberto milagrosamente. Jerusalém ganhou novo arrendamento em vida e continuou por mais um século. Enquanto isso, os assírios com a capital em Nínive foram derrotados pelos caldeus, e a cidade da Babilônia tornou-se a nova capital mundial.

3. A Purificação do Remanescente (5.7-15)

Miquéias fala para seus compatriotas que, no futuro que Deus lhes preparou, serão uma bênção na terra **como orvalho do SENHOR** (7) e como chuva de verão: suave, refrescante, abundante e constante. **O resto de Jacó** (8) também será uma força governante: forte, majestosa e irresistível. Seus **inimigos serão exterminados** (9).

As duas vindas de Cristo são fundidas e descritas por Miquéias em passagens revezadas – a sua manifestação como Redentor para redimir e sua revelação como Rei para governar. De modo semelhante, estas duas vindas estão claramente mostradas em Hebreus 9.26-28. Aqueles que se beneficiam das bênçãos da manifestação de Jesus para redimir esperam, com avidez e confiança, desfrutar os benefícios da revelação de

Cristo para reinar. Mas também é verdade que, a despeito do interesse que o indivíduo tenha na Segunda Vinda, não lhe será permitido tomar parte nas coisas boas oriundas dessa revelação, se negligenciou a redenção de Cristo e não viveu retamente na força do Senhor.

A profecia de Miquéias nos oferece hoje grande esperança. As condições são contun- dentes em muitos aspectos. Às vezes, a vida religiosa, política e social em tudo que nos diz respeito encaixa-se nos julgamentos preventivos de Miquéias. Os males pessoais destróem homens e mulheres. Tensões internacionais e raciais enchem o mundo de medo e insegurança. Mas temos fé para crer no profeta de Deus e nas palavras certas de nosso Senhor Jesus que declarou: “Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não passa- rão” (Mc 13.31). Sabemos que, no final das contas, Deus e o direito prevalecerão. Quem de nós, então, prestará atenção à viagem, visto que a estrada nos leva para casa?

O profeta prevê (10-15) que o povo de Judá será levado para o exílio, mas afirma que, mesmo lá, Deus estará com os judeus. No cativeiro, serão separados das mesmas coisas em que confiaram: **cavalos e carros** (10), **cidades e fortalezas** (11), **feitiçarias e agoureiros** (12), **imagens de escultura e estátuas** (13), **bosques** (14; postes-ídolos [cf. ARA] usados na adoração dos baalins cananeus). Até os povos pagãos, cujo modo de vida os israelitas imitaram, seriam assolados (15).

Deus cumpriu seus propósitos com e por meio dos israelitas quando eles, na função de povo de Deus, estavam separados do apego às coisas em que confiaram. Foi tão-so- mente na ausência dos bens materiais, nos quais os israelitas apóstatas tinham colocado a esperança, que grande parte do povo foi trazido de volta à confiança em Jeová. Depois do cativeiro, os israelitas nunca mais serviram a ídolos ou se comprometeram em práti- cas pagãs hediondas que tanto tinham ofendido o Senhor. Deus usou os inimigos de Israel para purificar o seu povo da idolatria e incredulidade. É muito comum o Senhor virar as intenções más dos homens para o seu bom propósito e glória (Sl 76.10).

SEÇÃO III

A CONTROVÉRSIA DE DEUS COM O SEU POVO

Miquéias 6.1—7.20

A. DEUS FAZ UM APELO SUPREMO, 6.1-8

Ao usar a terminologia legal, Miquéias convoca Deus para levantar-se e defender sua causa contra um povo culpado e rebelde. O Senhor tinha uma disputa com o Judá pecaminoso, pois o pecado sempre ocasiona tensão entre Deus e o homem (cf. Is 1). O Senhor nunca deixa de ser fiel em esclarecer em que acarreta pecar. Espera para apresentar suas razões, e defende ternamente a volta dos pecadores para que sejam justificados e entrem novamente em comunhão com Ele.

1. *As Testemunhas e a Acusação* (6.1-5)

Os **montes** (1; “montanhas”, NTLH), as elevações mais altas da Natureza e símbolos comuns de permanência, junto com os **outeiros** e os próprios **fundamentos da terra** (2), são convocados para serem jurados. Deus defende sua causa diante destes acidentes naturais por serem testemunhas da longa história das relações de Jeová com seu povo. Com palavras cheias de ternura, ele indaga: **Em que te enfadei?** (3). Deus quer saber o que fez para tornar sua vontade enfadonha e colocar os israelitas contra os caminhos divinos (cf. Jr 2.5-8).

Em sua defesa, o Senhor conta os atos poderosos que misericordiosamente fez para resgatar seu povo da escravidão no Egito. Identificamos aqui a base principal do apelo de Deus ao seu povo, a fim de que confiassem e obedecessem. O Senhor os resgatou. Não pertencem mais a si mesmos. São de Deus. O Senhor cita a nomeação de pastores fiéis e tementes – **Moisés, Arão e Miriã** (4) – para guiá-los em sua vontade e propósito amoroso.

Aplicado em mostrar como fora justo ao tratar dos interesses do povo, Deus usa a expressão **as justiças do SENHOR** (5). O termo hebraico ocorre somente aqui e

em Juízes 5.11. Sugere que cada ato de misericórdia era uma manifestação distinta da justiça divina.

Deus escolheu o episódio no qual Ele, por meio de Balaão, mudou em bênção o que o inimigo, **Balaque, rei de Moabe**, planejou que fosse maldição (Nm 22–24). Para tocar a razão e os sentimentos do povo, recordou os acontecimentos notáveis ocorridos entre o acampamento de Israel, em **Sitim**, situada imediatamente a leste do rio Jordão, nas planícies de Moabe, logo a nordeste do mar Morto, e o acampamento em **Gilgal**, do outro lado do Jordão, em Canaã (Nm 22–27; Js 1–4).

Este apelo de Deus ao povo ilustra a racionalidade da verdadeira religião.

[O apelo] ressaltava que a religião é racional e moral e mantinha, ao mesmo tempo, a racionalidade de Deus e a liberdade do homem. O Senhor falava com o povo que educara: Pleiteou com eles, ouviu suas declarações e perguntas, e produziu suas evidências e razões. A religião – como afirma passagens como esta – não é algo de autoridade, nem de cerimonial, nem de mero sentimento, mas de argumento, apresentação racional e debate. A razão não é retirada do tribunal: a liberdade do homem é respeitada; ele não é pego de surpresa por seus temores ou sentimentos. [...] Mas é somente com o ministério terreno do Filho de Deus, seus argumentos com os doutores, suas parábolas ao povo comum, sua educação nobre e prolongada transmitida aos discípulos, que vemos a racionalidade da religião em toda sua força e beleza.¹

2. *O que Deus Exige?* (6.6-8)

Os estudiosos dão duas interpretações aos versículos 7 e 8. Uma diz respeito ao efeito que o profeta inquire do Senhor concernente à base de aceitação com Deus. A outra opinião diz que Israel responde ao Senhor com um desafio. “Que adoração e que culto o Senhor realmente exige? Deus quer uma observância meticulosa da lei levítica? (6b). Quer que seja cumprida de maneira excessiva e pródiga mediante holocaustos de rebanhos e **ribeiros de azeite**? (7a). Quer que as pessoas lhe mostrem uma devoção frenética e não-moral comparável ao fanatismo de certos povos pagãos das vizinhanças, cujos adoradores chegam a oferecer sacrifícios humanos? (7b). [...] A controvérsia é encerrada pela própria resposta declarada do Senhor (8)”.²

Como muitos outros desde então, o povo de Judá esperava obter o favor divino, ao cumprir obrigações externas. Estavam dispostos a comprar o perdão sob qualquer condição, exceto a mudança de vida. As pessoas, obcecadas em fazer atos religiosos externos, desprezavam “o mais importante da lei” (Mt 23.23). Deus lhes dizia: “Não é vossos pertences que busco, mas a vós”. Interessava-se mais pelo espírito das pessoas do que por suas riquezas. Preocupava-se muito mais com o coração delas do que com sacrifícios de bois e ovelhas.

Miquéias, ao falar pelo Senhor, lhes responde as perguntas. Em uma única frase resume as exigências legais, éticas e espirituais da verdadeira religião e destaca os principais ensinamentos de Isaías, Amós e Oséias (Is 30.15; Am 5.24; Os 2.19,20; 6.6). Estas são exigências da verdadeira religião que todo ser humano pode satisfazer, se desejar. Os homens são inclinados a tornar a religião “muito complicada, muito intrincada, muito enigmática”, como salienta Raymond Calkins. “Mas este versículo nos corrige. O Senhor

não exige de nós algo que não possamos fazer imediatamente. Não existe alguém, qualquer que seja sua capacidade intelectual, que não possa entrar de forma imediata e total e com inteira convicção na bem-aventurança da vida da verdadeira religião”.³

Ele te declarou, ó homem, o que é bom (8). O termo hebraico traduzido por “homem” refere-se a toda a humanidade; portanto, esta passagem tem significação universal. O próprio Deus pela lei e pelos profetas já revelara o que era realmente essencial concernente à adoração. O Senhor fora claro em apresentar sua exigência última para ganhar e manter o favor divino (Dt 1.12,13; 30.11-14).

Estas exigências morais e espirituais são ainda mais importantes para nós, hoje, do que para as pessoas dos tempos de Miquéias. Com a revelação de Deus em Cristo, conforme o Novo Testamento nos conta, estamos mais conscientes da vontade de Deus do que elas. Em meio à atual confusão de vozes que advogam o que o Senhor exige, é bom saber o que Deus falou. Na complexidade de uma profusão de teologias e filosofias propostas, confiamos no que o Senhor fez para tornar nosso dever simples e claro. Todos podem entender.

John Knox expressou esta idéia em certa ocasião quando falava na presença de Mary, a rainha da Escócia. A dama da realeza sentiu-se grandemente emocionada pelo Espírito Santo, mas ficou confusa quanto em que acreditar. “Tu me ensinas uma coisa”, reclamou ela para Knox, “e a Igreja de Roma me ensina outra. Em qual acreditarei?” Knox respondeu: “Não acreditarás em nenhuma, senhora: tu acreditarás no Deus que fala em sua Palavra. E a menos que concordamos nesse ponto, tu não acreditarás em nenhum de nós”.

A Palavra de Deus é a base e autoridade final para nossa fé. Não consultamos a nós mesmos, nem precisamos de suposição e fantasia. O Senhor poderia ter falado em linguagem muito elevada para entendermos. Mas em consideração amorosa, desceu, por assim dizer, das montanhas da eternidade e nos encontrou ao sopé da monte para nos garantir que falará em nossa língua para que possamos entendê-lo.

Ao longo dos séculos tem havido tempos de densas trevas e períodos em que os homens ficaram cegos por falsas luzes. Mas hoje somos grandemente abençoados por termos meios seguros de instrução espiritual. Atualmente, se as pessoas permanecem alheias ao seu dever com Deus é, em grande parte, por serem teimosas ou indiferentes.

A Bíblia declara que temos de praticar a **justiça**. Devemos ser verdadeiros, honestos e sinceros conosco mesmos, com Deus, com nossas obrigações civis e econômicas, e em todas as outras relações com os seres humanos (cf. Pv 21.3; Am 5.23,24; Zc 8.16).

Temos de amar a **beneficência** (“misericórdia”, ARA). Esta é qualidade mais sublime que a justiça. Ser justo significa dar a todos o que lhes é devido, ao passo que misericórdia (**beneficência**) indica bondade, compaixão e amor até por quem não estamos diretamente em dívida. Na verdade, inclui questões como consideração e ajuda prática aos pobres, oprimidos, deficientes físicos e mentais e privados de certos direitos socioeconômicos. Mas implica em muito mais que simplesmente dar nossas posses. Em misericórdia, nos damos para erguer e resgatar o próximo.

A misericórdia sempre tem de temperar a justiça. Tiago nos fala que o julgamento é sem misericórdia para quem não mostrou misericórdia (Tg 2.13). Contamos com a misericórdia de Deus somente na proporção em que mostramos bondade e consideração pelos outros.

Shakespeare refletiu estes sentimentos bíblicos quando escreveu o *Mercador de Veneza*:

*A qualidade da misericórdia não é forçada;
É salpicada como o orvalho suave do céu
Sobre o lugar designado:
É duplamente santificada;
Abençoado é aquele que dá e aquele que recebe. (N. do T.)*

Nestas primeiras duas exigências, que tratam de nossas relações com nossos companheiros, temos um resumo da segunda tábua do Decálogo. Com a terceira exigência: Andar **humildemente com o teu Deus**, temos o resumo da primeira tábua dos Dez Mandamentos, que lida com nossa relação com Deus.

Esta exigência é maior que as outras duas. É o motivo do qual as outras emanam. O original hebraico diz literalmente: “Curva-se para andar com Deus”. “Curvar-se” indica que o primeiro passo na vida de comunhão com Deus é reconhecer nossa iniquidade e insuficiência. Temos de abater todo pensamento altivo e colocá-lo em submissão à vontade divina, e pela fé depender do amor e graça de Deus para sermos salvos. Andar com Deus requer acordo e comunhão com Ele (Am 3.3).

Não há quantidade de mera justiça e misericórdia humana que baste. “O melhor dos homens é, na melhor das hipóteses, apenas homem”. Os seres humanos têm de ter a vida divina implantada em seu coração por Cristo. Jesus indicou a significação desta verdade, quando disse que esse andar está baseado na fé e é manifestado pelo amor (Mt 23.23; Lc 11.42; cf. Tg 1.27).

Este triplo mandamento – praticar a **justiça**, amar a **beneficência** (“misericórdia”, ARA) e andar **humildemente com... Deus** – não deve ser desmembrado. É possível praticar justiça severa e inflexível sem misericórdia (**beneficência**). Também pode haver misericórdia sem justiça, como quando a pessoa faz empreendimentos dignos com dinheiro desonestamente adquirido. E as pessoas são justas e misericordiosas quando visam pôr de lado as afirmações de Deus em Cristo. Ademais, não é raro o indivíduo professar que anda com o Senhor até de modo cristão, mas dá à justiça e misericórdia pouco espaço em sua vida.

Os três mandamentos devem ser considerados juntos. Desta forma, fornecem uma descrição esplêndida da verdadeira religião, ultrapassada somente pelo resumo que Jesus fez de “a lei e os profetas” conforme registrado em Mateus 22.36-40.

Ao ensinar a futilidade da adoração meramente ritualista, Miquéias afirma que os mandamentos de Deus são morais e espirituais. Diz também que a adoração aceitável implica em uma existência vivida em obediência a ambos os aspectos desses mandamentos. Até o ritual e a forma divinamente ordenados, embora façam parte da adoração, devem ser acompanhados pelo movimento sincero do coração em direção a Deus. As formas da verdadeira adoração devem ser a expressão do homem “pronto para andar com o Senhor” (LXX). Esta prontidão nos lembra o chamado de Jesus narrado em Mateus 11.23-30, e suas declarações encontradas em Mateus 7.21-23 e João 4.23-24. A verdadeira religião não é encontrada no cumprimento árduo do dever, nem em um ritual de êxtase desconcertante, mesmo que haja, nisto, um grande investimento (cf. Sl 51.16-19).

“O profeta apenas coloca as coisas em ordem de prioridade, e mostra que, no fim das contas, o andar santo com Deus é a melhor prova da genuína religião. O sistema sacrificial nunca teve o propósito de ser um fim em si mesmo. Foi estabelecido com a finalidade de ajudar na resolução interior da mente humana mediante uma série de atos específicos e públicos. Para torná-los eficazes, tais atos têm de ter sua significação interpretada em termos do verdadeiro viver santo. [...] Junto com o ensinamento de Cristo, esta palavra de Miquéias é uma regra de vida suficiente para os cristãos”.⁴

Samuel Chadwick resumiria certas implicações especiais em tudo que é pertinente para os nossos dias. “A solução de nossos problemas hoje, como se deu nos dias de Miquéias, não está na legislação ou na maquinaria, mas na percepção da suficiência de Deus. Não há solução grande e permanente dos problemas sociais que tenha dado certo sem a influência religiosa. O único meio é voltar-se para Deus, ir para a casa do Senhor e lá encontrar o poder para praticar a justiça, amar a misericórdia e andar humildemente com o nosso Deus. Então encontraremos o verdadeiro vínculo da fraternidade”.⁵

Nos versículos 6 a 8, temos a pergunta “O que o Senhor pede do Homem?” E sua respectiva resposta: 1) Não pede uma religião formal de sacrifícios ou obras, 6,7; 2) Pede justiça, que observe as leis de Deus para as relações humanas, 8; 3) Pede misericórdia, benignidade e justiça, 8; 4) Pede que ande diariamente sob a liderança do Espírito de Deus, 8 (A. F. Harper).

B. DEUS CONDENA O MAL, 6.9-16

Nesta subdivisão, Miquéias anuncia que Deus está pronto a falar uma palavra urgente e final com seu povo impenitente. O profeta aconselha os habitantes de Jerusalém, sobretudo os líderes da cidade, a prestarem muita atenção no que o Senhor tem a lhes dizer. **Verá o teu nome** (9) é traduzido melhor por “temer-lhe o nome” (ARA; ECA; NVI). Assim, o significado fica mais inteligível. Na Septuaginta, lemos: “A voz do Senhor será proclamada na cidade, e ele salvará aqueles que temem o seu nome; ouvi, ó tribo; e todos vós que poreis a cidade em ordem”.

1. *Os Pecados de Judá* (6.9-12)

Pelo profeta, provinciano e inculto, Deus condena os moradores da sofisticada cidade de Jerusalém, porque estão no centro dos pecados da nação. “Ele não se refere apenas à idolatria, mas também à irreligiosidade dos políticos e à injustiça cruel dos ricos na capital. O veneno que debilitou o sangue da nação conseguira entrar em suas veias e chegara até ao coração. Ali, o mal se concentrou e abalou o Estado e levou-o sem perda de tempo à ruína”.⁶

Ao anunciar a aproximação de Deus, Miquéias destaca a seus ouvintes que a “verdadeira sabedoria [é] temer [...] o nome [do Senhor]” (ARA). Quem é sábio, discerne a mão de Deus nas providências da vida. Tais pessoas se beneficiam com os julgamentos corretivos. Os habitantes de Judá seriam salvos somente se voltassem a reverenciar sinceramente o Senhor e a obedecer às exigências morais divinas. Mas ainda havia tempo: Se voltassem a confessá-lo e temê-lo, o Senhor seria gracioso para salvar.

Em palavras solenes de julgamento, o próprio Deus fala: “Ouvi isto, vós, povo e conselho da cidade!” (Phillips). E passou a fazer certas perguntas perspicazes que imediatamente realçaram as práticas más de Judá. Ele pergunta: Apesar de todos os meus avisos e de minha longanimidade, **ainda há na casa do ímpio, tesouros de impiedade? E efa pequeno, que é detestável?** (10; cf. Dt 25.13; Pv 11.1; 16.11; Am 8.5).

Deus não esqueceria nem faria vista grossa à riqueza acumulada que os **ricos** (12) de Jerusalém amontoaram para si. Tratava-se de abundância de bens adquiridos mediante opressão, trapaça com pesos e medidas desonestos, vanglória arrogante e mentira (11,12). Miquéias já tinha descrito estes males com mais detalhes (3.1-3), mas ainda vigoravam.

Os pecados reprovados aqui são, hoje, proeminentes em países sem os benefícios transformadores do Evangelho de Cristo. Não obstante, também é verdade que estes males são muito comuns na nossa civilização cristã moralmente iluminada. Almejamos segurança material pessoal e teimamos em ter conforto físico e lazer. Nosso firme propósito em manter um alto padrão de prosperidade a qualquer preço gera uma rivalidade impiedosa entre nós. Nessa competição, tendemos a desconsiderar os direitos dos outros e a engajar-nos em subterfúgio e intriga. Os trabalhadores buscam o salário mais alto pela menor porção de trabalho, ao passo que os empregadores esmeram-se em dar o salário mais baixo que os trabalhadores nem sempre estão dispostos a aceitar. As palavras do profeta são mesmo relevantes na atualidade. E é fato pertinente que o povo tratado aqui era, como nós, uma sociedade declaradamente religiosa.

2. A Promessa de Castigo (6.13-16)

Nestes versículos, o Senhor proclama princípios imutáveis: O ganho adquirido perversamente é perda; a prosperidade adquirida injustamente não subsiste; o bem-estar obtido por coação não é desfrutado por muito tempo. A felicidade e poder buscados por pecadores sempre os iludem, porque os meios pelos quais os buscam não são congruentes com os fins. O julgamento divino é uma consequência inevitável (ver Lv 19.35; Tg 5.1-6). “O que eles diminuem da medida é aumentado na ira de Deus, e o acerto de contas desse ato virá sobre eles; o que faltar na medida será completado pela ira de Deus”.⁷

Os moradores de Jerusalém não teriam permissão de beneficiar-se de suas posses acumuladas (13-15). E pior que isso, a profecia lhes anuncia: “Haverá fome em teu coração” (14, Phillips; cf. Sl 106.15).

Deus fala aos habitantes de Judá que caíram tanto na vida espiritual e moral que, na verdade, seguiam os caminhos daquela dinastia notoriamente má e apóstata de Israel chefiada pelo conspirador **Onri** (16), e seu filho **Acabe**, contra quem Elias lutara uns 200 anos antes (1 Rs 16-22). Seguiam os procedimentos de Acabe, como ilustra o ato insensível deste rei ao tomar a vinha de Nabote.

Pelo motivo de ser verdadeira esta situação, os moradores de Judá só tinham de esperar ruína às mãos dos inimigos. Deus os avisou mais uma vez: **Trareis sobre vós o opróbrio do meu povo**. O próprio fato de serem o povo de Deus só aumentava a gravidade do pecado. “Sendo vós o povo de Deus no nome, enquanto andáveis em seu amor, era uma honra; mas agora o nome sem condizer com a realidade vos é somente uma repreensão”.⁸ Só lhes restava suportar “a zombaria das nações” (16, NVI) entre as quais Deus quisera que fossem honrados e exaltados (ver Dt 28.1-14).

C. MIQUÉIAS LAMENTA A CORRUPÇÃO DA NAÇÃO, 7.1-6

Miquéias, depois de entregar fielmente a mensagem de Deus, procura em vão por sinais de arrependimento e mudança em Judá. O que vê lhe enche de tristeza. Poucas pessoas (talvez nenhuma) reagiram favoravelmente à pregação. O profeta compara sua busca ansiosa e desconcertante por justiça ao homem que, faminto por frutas frescas, vai ao vinhedo depois da colheita na esperança de achar, por acaso, algum cacho de uva restante. Encontra uma exuberância de folhas, mas **não há cacho de uvas para comer** (1). Descobre que Judá é moralmente estéril. A pungência de sua angústia fica clara na Septuaginta, onde lemos: “Ai de mim! Porque sou como alguém que junta palha na colheita e como alguém que colhe os respigos de uva na vindima, quando não há cacho para eu comer os primeiros frutos maduros; ai de minha alma!” (cf. NTLH).

Como Diógenes, em Atenas, e Jeremias, em Jerusalém (Jr 5.1), Miquéias procura uma pessoa honesta em Judá (cf. 1, BV). Mas não encontra. Pelo visto, o **benigno** (2) desapareceu totalmente. Todos estão cheios de ódio e são inteiramente egoístas em suas intenções. Cada indivíduo é por si, e busca enlaçar o companheiro – **caça cada um a seu irmão com uma rede**. Até fazem de conta que não vêem o assassinato se, com isso, conseguem o que querem.

O **príncipe** (3) e o **juiz**, que deveriam ser confiáveis, perderam todo o senso de responsabilidade em orientar e proteger as pessoas. Caíram tanto que chegaram a buscar suborno e atender os caprichos dos bajuladores. Estes líderes não se entregavam à tentação ocasionalmente, mas deliberadamente tornaram a desonestidade seu programa de ação. Estão em conluio contra as massas. **As suas mãos fazem diligentemente o mal**. Note como Moffatt interpreta esta frase: “Eles têm dedos ágeis para o jogo sujo”.

Fausset diz que tão logo os funcionários públicos expressavam seus desejos ignóbeis, os juizes corruptos estavam prontos a julgar os casos de acordo com as instruções recebidas.⁹ Deste modo, “entre si frustram a justiça” (Moffatt).

Os indivíduos que deveriam ser os mais dignos de confiança mostraram-se inflexíveis e frios em seus procedimentos – **O melhor deles é como um espinho** (4). A confiança mútua já não é possível. Não podiam confiar sequer nos amigos mais chegados e na família. A confusão prevalece por toda a nação. A ordem social se desintegra. O salário do pecado é cobrado e, pelo visto, a morte para a nação era inevitável. “O dia que os vigias previram, o dia do castigo chegou; agora vem a destruição absoluta” (4, Phillips; cf. NVI). Estas relações entre pecado e julgamento são mostradas em outras passagens, como Salmo 37.35-38; Provérbios 14.34; Isaías 5.15; Jeremias 17.10,11. O princípio de causa e efeito moral aplicado às pessoas e nações do tempo de Miquéias aplica-se hoje em dia também. Trata-se de princípio verdadeiro em toda e qualquer época.

Jesus citou esta passagem de Miquéias (Mt 10.34-36; Lc 12.51-53) para mostrar que a pregação do Evangelho pode gerar a mesma hostilidade descrita pelo profeta. É tão grande o mal do coração do indivíduo não regenerado que é comum a declaração da verdade de Deus evocar ódio e perseguição a quem a proclama.

Para todo homem casado e para todo jovem que espera ter uma família, há significação particular neste trecho bíblico. Repare que práticas más, feitas fora do âmbito familiar, destruíram a confiança na família nos dias de Miquéias. Da mesma forma hoje, ninguém que se engaje em atividades desonestas e egoístas pode pensar que sua família

fique intacta. Até a esposa e os filhos perdem o respeito pelo marido e pai que é infiel em suas relações com os outros. Como é que vão saber quando podem confiar nele ou não? O pai que deseja a honra dos filhos tem de ser o primeiro em honestidade e decência.

D. A FÉ DE MIQUEÍAS EM DEUS, 7.7-13

Considerando o estado da nação, Miquéias vislumbra um panorama sombrio. Mas se recusa a ser vencido pela corrupção sórdida que o cerca. **Eu, porém, esperarei no SENHOR** (7). “E, confiante nele, eu mantereí rigorosa vigilância” (ATA; cf. NVI). Não se pode confiar em homens, mas pode-se acreditar inteiramente em Deus. Como o salmista, Miquéias estava ciente que, mesmo quando já não se pode contar com pais e mães, pode-se acreditar em Deus (Sl 27.10). Nesta certeza, o profeta se animou.

Mesmo nas trevas, o profeta olharia para o Senhor (7; cf. ARA). **Esperei** com confiança e perspectiva, pois o **Deus da minha salvação; o meu Deus me ouvirá**.

Todos os homens de Deus deveriam tomar a tripla resolução de Miquéias, sobretudo em tempos difíceis. Ela foi: 1) Uma resolução de fé: **“Olharei”** (ARA); 2) Uma resolução de paciência: **Esperarei**; 3) Uma resolução de esperança: **Deus ouvirá**.

Pelo fato de Miquéias ter crido que Deus ainda manifestaria seu amor firme pelo seu povo, o profeta ousou falar em nome da nação. Bravamente enfrentou os inimigos que queriam destruir Judá, e, firmemente, asseverou sua convicção de que a luz de Deus ainda brilharia. O povo de Judá veria e reagiria obedientemente à verdade e, assim, estaria de acordo com a fidelidade de Deus (8). Christian, personagem de Bunyan, ao enfrentar Apoliom, que o lançara ao chão no vale da Humilhação, sacou da espada contra quem o atacara, ao mesmo tempo em que citava as palavras confiantes de Miquéias: **Ó inimiga minha, não te alegres a meu respeito; ainda que eu tenha caído, levantar-me-ei** (8). Que da mesma forma todo crente enfrente o inimigo na hora sombria da tentação e dificuldades.

Em vista dos acontecimentos, Miquéias perdera a batalha no esforço de construir o Reino de Deus. Mas ficou evidente para ele que Deus não perdera a guerra. As pessoas que desejam lutar as batalhas do Senhor ficam empolgadas com a descoberta de Miquéias. Os versos de Maltbie Babcock espelham a verdade eterna:

*O mundo é teu, Senhor.
Jamais esquecerei
Que embora existam erro e mal
Tu és o eterno Rei
O mundo é teu, Senhor,
Pois Cristo já venceu
Inimizades destruiu,
Unindo terra e céu**

* “O Mundo é Teu, Senhor”, *Cantor Cristão*, nº 45, verso 3, letra em inglês de Maltbie Babcock e em português de João Wilson Faustini (São Paulo: Bom Pastor, 2003, 3ª reimpressão).

Quando o Senhor Jesus estava na terra demonstrou muitas vezes a habilidade divina de trazer livramento quando os homens atingiam o limite de suas forças. Os discípulos, fustigados pela tempestade no mar, alegraram-se por Cristo ter ido salvá-los (Mc 6.48). O apóstolo, preso e temendo por sua vida, ouviu as palavras inspiradoras de confiança: “Paulo, tem ânimo!” (At 23.11). Certa noite, enquanto Pedro sofria na prisão, um anjo se postou ao lado dele (At 12.5-10). E hoje, nas horas mais difíceis da vida, o povo de Deus pode testemunhar: **O SENHOR será a minha luz.**

Nesta subdivisão do livro, Miquéias se identifica com o povo e reconhece a justiça e propósito dos castigos de Deus. Penitentemente, os suporta até o dia em que Deus **me trará à luz, e eu verei a sua justiça** (9). O profeta declara que os inimigos zombadores de Judá serão, no devido tempo, cobertos de **confusão** (10; “vergonha”, ARA). Vê o dia quando os **muros** (11) de Jerusalém **serão reedificados** e os exilados que foram espalhados para muitas partes da terra serão reunidos à sua pátria (12). “Eles virão da Assíria, do Egito e até da região do rio Eufrates” (12, NTLH; ver Mapa 1), e de todas as nações para as quais fugiram ou foram levados cativos.

Mas antes que cheguem esses dias, a situação ficará difícil – **esta terra será posta em desolação** (13). O povo ainda colherá os frutos da iniquidade. Pois, ainda que os pecados sejam perdoados e esquecidos, mesmo assim, Deus não impedirá a colheita subsequente que segue toda semente semeada (Gl 6.7).

E. A ORAÇÃO DE MIQUÉIAS PELO POVO, 7.14-20

1. *Súplica pelo Cuidado Amoroso* (7.14-17)

Como agricultor, Miquéias sabia como era essencial um pastor fiel ao bem-estar do rebanho. Por isso, ele ora:

*“pastoreia o teu povo com o teu cajado,
o rebanho da tua herança
que vive à parte numa floresta,
em férteis pastagens;
Deixa-o pastar em Basã e em Gileade,
como antigamente”* (14, NVI).

Carmelo era conhecido por seus vinhedos, ao passo que **Basã e Gileade** eram notoriamente conhecidas como terras pastoris férteis.

Com a restauração de Israel, Miquéias previu as manifestações do poder e liderança de Deus como as ocorridas no mar Vermelho, no monte Sinai e em outros locais ao longo da rota do Êxodo israelita da **terra do Egito** (15). Em face de tais acontecimentos, as **nações** (16) circunvizinhas **verão e envergonhar-se-ão**. Elas se humilharão e reconhecerão o Deus de Israel. Pôr a **mão sobre a boca** era gesto comum de prova de culpabilidade e aquiescência.

O pensamento destes acontecimentos maravilhosos leva Miquéias a alegrar-se; expressa seu entusiasmo num salmo de louvor pela misericórdia e fidelidade de Deus.

2. *Louvor pelo Amor Firme de Deus* (7.18-20)

Quem, ó Deus, é semelhante a ti? (18) é uma pergunta repetida numerosas vezes

na Bíblia (Êx 15.11; Sl 89.6; Is 40.18-25; 46.5), mas, em geral, em reconhecimento do poder e glória divinos. Aqui, o profeta fala da graça e misericórdia ilimitadas de Deus pelos pecadores.

Wolfendale faz um comentário sobre a frase **que perdoas a iniquidade**: “O perdão que Deus tem é de qualidade tão excelente quanto a satisfazer sua grandeza, bondade e todos os outros atributos de sua natureza; como por exemplo aquele pelo qual Ele é conhecido como Deus. Não é como o perdão limitado, difícil, parcial e amarrado que encontramos entre os homens; mas é pleno, livre, irrestrito, ilimitado, absoluto; como é a natureza e excelências divinas”.¹⁰

O salmo de Miquéias é oportuno e não se restringe a épocas, pois fala da própria essência da salvação, no passado, presente e futuro. Os santos de todos os tempos unem-se com o profeta no seu refrão alegre da redenção. O salmo diz respeito à mensagem evangélica de esperança que se cumpriu com a salvação provida pelo recém-nascido de Belém, sobre quem Miquéias já falara em 5.2. Todos os que são da fé juntam-se com a confiança firme de Miquéias: **Darás... a fidelidade e... a benignidade que juraste a nossos pais, desde os dias antigos** (20).

Esta é visão inigualável de “nosso Deus incomparável”. **Quem, ó Deus, é semelhante a ti**, que: 1) Perdoas a iniquidade e a transgressão, 18; 2) Concedes misericórdia e compaixão, 18,19; 3) Dás poder sobre o pecado, 19; 4) Cumpres tuas promessas antigas, 20 (W. T. Purkiser).

Notas

INTRODUÇÃO

- ¹“Chamada Moresete-Gate (14), provavelmente por estar perto de Gate, mas dentro das fronteiras de Judá” (VBB, nota de rodapé em 1.1; ver mapa 2).

SEÇÃO I

- ¹Matthew Henry, *Commentary on the Whole Bible*, vol. IV (Nova York: Fleming H. Revell Company, s.d.), p. 1.304.
- ²Henry, *op. cit.*, vol. IV, p. 1.308.
- ³A. Fraser e L. E. H. Stephens-Hodge, “Micah”, *The New Bible Commentary*, editado por Francis Davidson *et al.* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1953), p. 72.
- ⁴E. B. Pusey, *The Minor Prophets*, vol. II (Grand Rapids: Baker Book House, 1962), p. 35.
- ⁵S. C. Yoder, *He Gave Some Prophets* (Scottsdale, Pensilvânia: Herald Press, 1964), p. 115.
- ⁶Rolland E. Wolfe, “Micah” (Exegesis), *The Interpreter’s Bible*, editado por George A. Buttrick *et al.*, vol. VI (Nova York: Abingdon Press, 1956), p. 915.
- ⁷Pusey, *op. cit.*, p. 35.
- ⁸Henry, *op. cit.*, p. 1.316.
- ⁹Raymond Calkins, *The Modern Message of the Minor Prophets* (Nova York: Harper & Brothers, 1947), p. 57.
- ¹⁰James Wolfendale, “Minor Prophets”, *The Preacher’s Homiletical Commentary* (Nova York: Funk & Wagnalls, 1892), p. 411.

SEÇÃO II

- ¹Clarke, *op. cit.*, p. 720.
- ²Fraser e Stephens-Hodge, NBC, p. 724.

SEÇÃO III

- ¹George Adam Smith, “The Book of the Twelve Prophets”, *The Expositor’s Bible*, editado por W. Robertson Nicoll, vol. 1 (Nova York: A. C. Armstrong & Son, 1889), p. 421.
- ²Fraser e Stephens-Hodge, *op. cit.*, p. 725.
- ³Calkins, *op. cit.*, p. 63.
- ⁴Fraser e Stephens-Hodge, *op. cit.*, p. 725.
- ⁵Samuel Chadwick, “Micah”, *The Expositor’s Dictionary of Texts*, editado por W. Robertson Nicoll, Jane T. Stoddard e James Moffatt, vol. I (Nova York: George H. Doran Company, s.d.), p. 748.
- ⁶Smith, *op. cit.*, p. 426.
- ⁷Pusey, *op. cit.*, p. 85.
- ⁸A. R. Fausset, *A Commentary on the Old and New Testaments*, vol. IV (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1948, reimpressão), p. 606.
- ⁹*Ib.*, p. 607.
- ¹⁰Wolfendale, *op. cit.*, p. 461.

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

5

Oséias a
Malaquias

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que “subsiste eternamente”.

Oscar F. Reed
Armor D. Peisker
H. Ray Dunning
William M. Greathouse

ISBN 85-263-0689-8



9 788526 306899